

**NÚCLEO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO  
DAS RUAS HALFELD E MARECHAL  
DEODORO (PARTE ALTA)**

*Nota Prévia de Pesquisa*

**Patrícia Falco Genovez  
Maria Julieta Nunes de Souza  
Mônica C. Henriques Leite  
Paulo Gawryszewski  
Raquel de Oliveira Fraga**

**JUIZ DE FORA - MG  
CLIO EDIÇÕES ELETRÔNICAS  
1998**

## FICHA CATALOGRÁFICA

GENOVEZ, Patrícia Falco, SOUZA, Maria Julieta Nunes de, LEITE, Mônica C. Henriques, GAWRYSZEWSKI, Paulo, FRAGA, Raquel de Oliveira. **Núcleo Histórico e Arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro - Parte Alta.** Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. 70 p. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 4)  
<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>

1. História de Juiz de Fora
2. História Urbana
3. Patrimônio Histórico

**Clioedel**  
**- Clio Edições Eletrônicas -**  
**Projeto virtual do Arquivo Histórico da UFJF**  
E-mail: [clionet@cpd.ufjf.br](mailto:clionet@cpd.ufjf.br)  
<http://www.ufjf.br/~clionet/clioedel/>

Endereço para correspondência:  
Arquivo Histórico da UFJF  
Prédio do CDDC - Campus Universitário  
Juiz de Fora - MG - Brasil  
CEP: 36036-330  
Fone: (032) 229-3750  
Fax: (032) 231-1342

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitora: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão  
Vice-Reitor: Prof. Paulo Ferreira Pinto  
Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Dr. Murilo Gomes de Oliveira  
Diretor da Editora: Prof. Galba Ribeiro Di Mambro

## SUMÁRIO

Apresentação .....	03
1. Aspectos Históricos .....	11
2. Aspectos Arquitetônicos	
Introdução .....	37
Rua Halfeld	
Halfeld, 675 .....	39
Halfeld, 692/720 .....	41
Halfeld, 695 .....	43
Halfeld, 711/715 .....	45
Halfeld, 734 .....	47
Halfeld, 792/798/804 .....	50
Halfeld, 1071 .....	51
Rua Marechal Deodoro	
Marechal Deodoro, 344/348 .....	53
Marechal Deodoro, 396/406 .....	55
Marechal Deodoro, 416/424 .....	57
Marechal Deodoro, 538/546 .....	59
Marechal Deodoro, esquina com José de Alencar, 848 .....	60
Fontes .....	62
Anexos	

Quadro 01 .....	64
Quadro 02 .....	65
Quadro 03 .....	66
Quadro 04 .....	67

O texto histórico elaborado por **Patrícia Falco Genovez** para o trabalho *Núcleo Histórico e Arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro (Parte Alta)*, quarto volume da Coleção História e Arquitetura de Juiz de Fora, foi o resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido por uma equipe composta pela professora Mestre **Leda Maria de Oliveira**, responsável pela parte referente à História Oral; pela consultora em História da Arte, professora Mestre **Maraliz de Castro Vieira Christo**, do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e por duas estagiárias do Curso de História da UFJF, **Daniella Pires de Freitas** e **Raquel Pereira Francisco**.

Uma outra equipe, de arquitetos e urbanistas, complementa o trabalho realizado: **Raquel de Oliveira Fraga**, arquiteta; **Mônica C. Henriques Leite**, estagiária; Professora Mestre **Maria Julieta Nunes de Souza**, consultora na área de arquitetura e urbanismo, do Departamento de Arquitetura da UFJF; e dois consultores externos: Professor Mestre **Antônio Pedro de Alcântara** e Professora Doutora **Dora Monteiro de Alcântara**. Um

## APRESENTAÇÃO

funcionário do Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPPLAN), o arquiteto **Paulo Gawryszewski**, complementa a assessoria por parte da Prefeitura.

A pesquisa integra o projeto *Cidade Humana* da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (IPPLAN) em parceria com a UFJF. Este projeto tem, entre outros objetivos, o tombamento de, aproximadamente, 170 imóveis. A Fundação Centro Tecnológico (FCT) da UFJF é a responsável pelo gerenciamento financeiro deste projeto, resguardando os direitos dos pesquisadores envolvidos. Os coordenadores são, por parte da Prefeitura, o Diretor de Planejamento do IPPLAN **Álvaro Henriques Giannini** e, por parte da UFJF, o Diretor da Faculdade de Engenharia, na ocasião o Professor **Júlio César da Silva Portela**.

É de fundamental importância esclarecer que as construções abordadas na presente obra fazem parte de um inventário produzido pela empresa *Século XXX*. Para cada um dos imóveis relacionados no inventário, abriu-se um processo, contendo justificativas históricas e arquitetônicas elaboradas com o intuito de instruí-lo. Posteriormente, os

processos são encaminhados à Comissão Permanente Técnico-Cultural (CPTC) que emite, ao Prefeito, o parecer sobre o tombamento ou não do imóvel.

Tendo em vista o prazo de razoabilidade estabelecido pelo Departamento Jurídico da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, as equipes, de Arquitetura e História, tiveram quatro meses para finalização das justificativas. Tal realidade de trabalho nos forçou a estabelecer uma metodologia: os imóveis em processo de tombamento foram, portanto, divididos em grupos cujas características históricas apresentam um fio condutor direcionado por aspectos culturais, sociais e geográficos.

Assim, a parte das justificativas elaboradas pela Equipe de História para os processos acompanha o desenvolvimento histórico da cidade de Juiz de Fora de forma cartográfica. Ou seja, a partir de um mapa, foram identificados grupos de edificações que apresentam características históricas específicas e os vários diálogos com o todo já configurado na cidade.

Essa metodologia, além de facilitar o trabalho das equipes e da própria Comissão que relata os processos, é fundamental para que os imóveis não sejam avaliados de forma isolada, o que diminui drasticamente seu valor histórico. Sem a visão de conjunto e do contexto no qual o imóvel encontra-se inserido, é quase impossível reconhecer seu valor enquanto repositório da história do local onde foi edificado e do próprio município. Fatores extremamente importantes para a definição da identidade dos cidadãos de nossa cidade.

Uma identidade capaz de nos conferir a cidadania enquanto juizforanos e, num plano mais amplo, enquanto brasileiros. Cidadania da qual a CPTC, juntamente com o Prefeito, se tornaram guardiães. De suas decisões de tombamento ou não, depende a formação de nossa identidade e, por conseguinte, de nossa cidadania. As edificações em processo de tombamento são documentos que testemunham a nossa história. Documentos que não estão guardados em museus ou bibliotecas, estão em nossas ruas à vista daqueles que aqui moram e dos que nos visitam.

Em virtude do tempo reduzido para a elaboração das justificativas acordou-se com o IPPLAN que não seriam feitas as justificativas de prédios públicos e eclesiásticos, assim como das fazendas que circundam o município. O trabalho, portanto, voltou-se para as edificações privadas, localizadas no centro urbano, ficando os demais prédios para um trabalho posterior. Durante o tempo determinado para realização do trabalho, foram feitas algumas exceções, dada a urgência jurídica de alguns processos. Por isso, alguns deles tiveram que ser trabalhados fora do conjunto no qual estavam inseridos, como por exemplo, a Vila Spinelli (rua Espírito Santo), o armazém do Senhor Manoel Ferreira (avenida Rio Branco) e uma casa na rua Bernardo Mascarenhas. Todos esses imóveis integrarão, na forma de anexo, o texto referente ao conjunto no qual cada um se encaixa. Quanto aos demais, estabeleceu-se os seguintes grupos a serem trabalhados e que foram entregues à Divisão de Patrimônio Arquitetônico e Cultural (DIPAC), nas datas respectivas:

1) Praça da Estação (12/04/1998);

2) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte baixa (01/05/1998):

3) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte alta (19/05/1998);

4) Rua Batista de Oliveira (parte central) e avenida Getúlio Vargas (10/06/1998);

5) Bairro Granbery, compreendendo as ruas Antônio Dias, Batista de Oliveira (depois da avenida Independência), Sampaio e Barão de Santa Helena (14/07/1998);

6) Rua Espírito Santo (14/07/1998);

7) Alto dos Passos: avenida Barão do Rio Branco, ruas Moraes e Castro e Osvaldo Aranha (17/08/1998);

8) Avenida Barão do Rio Branco a partir do Parque Halfeld até o Largo do Riachuelo (17/08/1998);

9) Rua Bernardo Mascarenhas, avenida dos Andradas e bairro Mariano Procópio (17/08/1998).

Ressaltamos, ainda, que o conhecimento produzido (as justificativas históricas e arquitetônicas) a partir desse esforço de pesquisa será, posteriormente, reavaliado e, até mesmo, complementado tendo em vista os dados obtidos

após sua formulação. Ele integrará a Coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*, lançada com o intuito de incentivar novas pesquisas, uma vez que levanta pontos e lacunas importantes da história da cidade de Juiz de Fora, do final do século XIX até metade do século XX. Além disso, levanta questões pertinentes em relação à história arquitetônica da cidade. Pode-se, a partir desse trabalho, pensar tais imóveis num outro recorte com uma perspectiva voltada, por exemplo, para a evolução arquitetônica dos prédios em processo de tombamento. Enfim, muitas alternativas se abrem para futuras pesquisas seja na área de história, seja na área de arquitetura ou mesmo de um diálogo frutífero entre ambas.

Chamamos a atenção para o fato de que os textos serão publicados como notas prévias de pesquisa, tendo em vista que os mesmos não apresentam qualquer alteração em relação ao conhecimento produzido e entregue à DIPAC (órgão competente da Prefeitura responsável pelos processos de tombamento). Houve apenas uma edição mudando o *layout*: duas colunas e formato paisagem. Além disso, em

cada processo de tombamento, montado pela DIPAC, segue, além do texto referente aos aspectos históricos, a descrição pontual do respectivo imóvel. Nesta publicação, as várias descrições arquitetônicas aparecem reunidas. No tocante à parte arquitetônica, os textos básicos desenvolvidos pelas professoras Maraliz de C. Vieira Christo e Maria Julieta Nunes de Souza, colocados na forma de anexo nos processos entregues à DIPAC, foram publicados à parte.

Finalmente, cabe-nos realçar as várias pessoas e instituições que contribuíram para esta pesquisa, recebendo a equipe de história com distinção, profissionalismo e simpatia. Nosso agradecimento também se estende a todos que, gentilmente, contribuíram através de seus relatos e depoimentos. Aceitando o risco de esquecer de algum colaborador, gostaríamos de citar cada uma das instituições e pessoas que tanto colaboraram para este trabalho:

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA UFJF na pessoa do seu diretor Professor Galba Ribeiro Di Mambro e da funcionária e historiadora Carla Suely Campos;

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA na pessoa do seu diretor Antônio Henrique Lacerda e pela colaboração de seus funcionários e historiadores: Elione Silva Guimarães e Francisco Carlos Limp Pinheiro;

- à BIBLIOTECA MUNICIPAL MURILO MENDES, pela colaboração de sua funcionária e historiadora Heliane Casarim Henriques;

- ao MUSEU MARIANO PROCÓPIO, na pessoa de seu diretor Dr. Antônio Carlos Duarte e pela colaboração dos funcionários: Maria de Fátima Araújo Aguiar, Carlos Henrique Saldanha, Rita de Cássia de Andrade Procópio, Eneida Maria de Miranda e Aloísio Arnaldo Nunes de Castro;

- ao ARQUIVO DORMEVILLY NÓBREGA, pela colaboração e simpatia com que recebeu a equipe de história, especialmente ao seu organizador, o jornalista, historiador, cronista, pintor, cantor, humanista... senhor Dormevilly Nóbrega;

- à CASA DE ANITA na pessoa do Dr. Marcelo Mega;

- à Divisão de Comunicação da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (DICOM) e aos funcionários que, gentil e pacientemente, atenderam às estagiárias, na busca incansável de processos de construção;

- à Secretaria da SOCIEDADE BENEFICENTE DE JUIZ DE FORA que, gentilmente, abriu-nos as portas de seu arquivo;

- ao INSTITUTO GRANBERY, pela grande colaboração de seus funcionários do Arquivo Documental Dr. Lander: Professor Ernesto Giudice Filho e Professora Soraia Maria Lopes da Silva;

- à Diretoria da CASA ESPÍRITA, na pessoa da senhora Aelce Horácio Souza;

- ao MINISTÉRIO DA MEMÓRIA DA IGREJA METODISTA, pela colaboração do senhor Paulo Lima;

- à ASSOCIAÇÃO COMERCIAL pela colaboração de seus diretores e funcionários;

- ao ARQUIVO DO SEMINÁRIO SANTO ANTÔNIO, pela colaboração da funcionária Ozana de

Fátima Paiva Cabral Silva e da Professora Beatriz de Vasconcellos Dias de Miranda;

- à SECRETARIA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO de Juiz de Fora;

- à EMPRESA A & S SOFTWARE Ltda., pela assistência na digitalização das fotografias e mapas e pela colaboração valiosa prestada por Adriano Braz Falco Genovez e Silene M. Felizardo Genovez.

Às pessoas que aceitaram dar seu depoimento, contando sobre a história da cidade, toda nossa estima. São elas: Sr. Oswaldo Costa (“Congo”); Dr. Antônio Fernando Vieira Braga, Dr. José João Mokdeci; senhora Mounira Haddad Rahmn, senhor Luiz Carlos Fazza; senhor Alberto Surerus Moutinho (por ter recolhido informações com outros funcionários do Banco do Brasil: Ary Geraldo, Leon Pereira Nehrey, Édson Mega e Mauro Lucci) e pela entrevista e disponibilidade em abrir seu arquivo pessoal de fotos da cidade); senhor Manoel Borges de Carvalho; senhor José Márcio Peralva; senhor Moysés A. Arbex; Doutor



Alberto Arbex; senhora Nual Krayem Arbex; senhora Nabia Farage Miana; senhora Amélia Sfeirr Feres; senhora Cléa Feres Nacif; senhora Ináh Mello de Carvalho; jornalista Mário César Manzolilo de Moraes; senhor Fúlvio Marcos De Landa Júnior; jornalista Natalle Chianello (Natálio Luz); senhor Nildo Tavares; senhor Sebastião Garibaldi Pifano; senhor Luarino Cortes Carvalho; senhora Maria Teresa Merhi Abi-Nasser; Dr. Edelo Abraham Assad; Dr. Rubem Sottomayor; senhora Inês Ciuffo; historiadora Valéria Ferenzini; escritora Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro; Dr. Manoel Monachesi; senhor Nilton Soranço; senhor Mário Soranço; senhora Gioconda Soranço; senhor Sebastião Tomaz; senhora Vânia Maria Moreira Ranzoni; senhora Maria da Glória Moreira Ranzoni; senhora Delourdes Conceição Pratini de Almeida; senhor Antônio Vidal Campante; senhora Maria Ignez Michels; senhora Aelce Horácio de Souza; senhor Demétrio Pável Bastos; Padre David José Reis; artista plástica Nívea Bracher; doutor José Carneiro Gondin; senhora Jahira Mattos de Medeiros; doutor Waldemar Medeiros; Padre e Professor Mestre Afonso

Henrique Hargreaves Botti; senhor Dormevilly Nóbrega; Irmã Maria Helena Souza de Faria; psicóloga Maria de Lourdes Mascarenhas; Dr. Roberto Villela Nunes; Dr. Hermenegildo Villaça Freitas; senhora Lucy Junqueira Costa Reis; senhora Maria José Junqueira Villela de Andrade; Senhora Cristina Ribeiro de Castro; senhora Yolanda Maria Junqueira Villela de Andrade Melo; professora Sílvia Maria Belfort Villela de Andrade; professora Vanda Arantes do Vale; senhora Alice Salzer Rodrigues e Sr. Antenor Salzer Rodrigues.

Com todos tivemos a oportunidade de aprender muito mais do que história. Através de seus relatos e dos contatos estabelecidos, todos, indistintamente, nos ensinaram preciosidades, contando sobre suas experiências de vida. A esses, que já consideramos amigos, nosso imenso carinho.

Um agradecimento especial se faz necessário ao Professor Galba Ribeiro Di Mambro, já mencionado enquanto diretor do Arquivo Histórico da UFJF, que prestou seu total e irrestrito apoio à publicação propondo, inclusive a formação da presente coleção. O Professor Galba, diretor da

Editora Clio Edições Eletrônicas, tem nos orientado na edição e constituição da coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*.

Outro agradecimento especial cabe-nos fazer às estagiárias da equipe de história que demonstraram uma dedicação que vai além do profissionalismo. Daniella Pires de Freitas e Raquel Pereira Francisco que trabalharam além das horas propostas, levantando dados e percorrendo arquivos, por respeito e amor à história. Elementos que em nenhum momento faltaram à Professora Leda Maria de Oliveira, incansável nas entrevistas e contatos. Do convívio diário com Leda, Daniella e Raquel ficou a grande lição de que um bom trabalho começa sempre com a humildade e a verdade, numa busca constante e honrada pela dignidade profissional do historiador.

Enfim, muitos obstáculos e problemas estiveram à nossa frente, formando barreiras por vezes quase intransponíveis. Por todos os desafios superados, fica apenas a certeza de que, através de nossa força, o poder de Deus se fez presente.

**Patrícia Falco Genovez**

## **ASPECTOS HISTÓRICOS**

**Patrícia Falco Genovez <sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Doutoranda no programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo de História Regional da UFJF, membro do Conselho Editorial da Revista Eletrônica de História do Brasil (<http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>), historiadora responsável pela elaboração final do texto histórico para instrução de processos de tombamento, junto à Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

*Quando alguém queria coisa granfina ia lá, Ao Jardim das Noivas, uma loja que tinha tudo para a casa e o enxoval das noivas. Ficava ali, onde é a Drogaria Dia e Noite (esquina com a Batista de Oliveira).*

*Sra. Nabia Farage Miana - ex-Lojista*

Ainda na segunda metade do século XIX a cidade se desenvolvia às margens do Caminho Novo (rua Direita), traçado pelo engenheiro Halfeld. Toda a conformação urbana da cidade se concentrava, portanto, ao longo dessa estrada. Em suas margens foram construídos os principais centros de poder: a Igreja, as Repartições Públicas e a Praça Central da cidade, além disso, era o local escolhido pelos "bem nascidos" para construção de seus belos sobrados. Era, por assim dizer, a alma da cidade. Onde figuras importantes transitavam, o comércio da praça fervilhava e o poder se fazia presente, seja através da política, seja através das construções imponentes que se estendiam por toda a rua Direita (atual avenida Rio Branco), confirmando o poder econômico dos barões do café, tornando-o visível e palpável a todos.

Foi logo depois que a vila de Santo Antônio do Paraibuna transformou-se em cidade que o centro do

município foi configurado. O vereador Alves Garcia propôs a abertura de cinco novas ruas: rua do Cano (atual Sampaio), Califórnia (atual Halfeld) <sup>2</sup>, Imperial (ou Imperatriz, atual Marechal Deodoro), Santo Antônio e rua Formosa (a rua do Comércio, atual Batista de Oliveira). Estava traçado o centro nervoso da cidade, local de concentração do comércio, da política e da cultura. A preocupação constante com uma urbanização disciplinada permaneceu na década de 1860, quando foi encomendada uma planta da cidade ao engenheiro Gustavo Dodt. <sup>3</sup>

O Largo da Câmara, local institucional do poder político da cidade, reunia os primeiros empreendimentos urbanísticos e higiênicos para o município. Era onde se concentravam as propriedades das famílias mais poderosas, com possibilidades de doação ou, até mesmo, de

---

<sup>2</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Retalhos do Passado**. Juiz de Fora: Edição do autor, 1966. p. 190. *Conta-se que, numa visita de d. Pedro II à cidade, quando em passeio pelo Morro Redentor, o Engenheiro Halfeld manifestou ao Imperador o desejo de que essa rua trouxesse o nome de sua Majestade, ao que este retrucou prontamente: "Pois ela se chamará Halfeld".*

<sup>3</sup> **Juiz de Fora em dois tempos**. Juiz de Fora: Tribuna de Minas, 1997. p. 15. Sobre as ruas Halfeld e Marechal Deodoro ver também ESTEVES, Albino. **Álbum do**

investimento particular em prol de melhores condições de moradia. Os moradores e comerciantes da rua Halfeld, são um forte exemplo. Foi por iniciativa particular que a Halfeld tornou-se a única rua da cidade a ter numeração nas casas, em 1885.<sup>4</sup> Esse primeiro momento da história da cidade apresenta, portanto, um maior movimento comercial e populacional nas ruas Marechal Deodoro e Halfeld a partir da avenida Barão do Rio Branco. Conforme reclamação de comerciantes da rua Halfeld, no final da década de 1870, a situação urbana e higiênica do centro da cidade era desesperadora:

*Em 1877, os comerciantes da rua Halfeld, então considerada a “segunda via pública da cidade, já pelo número de moradores, já pelo seu forte comércio”, dirigiram um memorial à Câmara, reclamando vários melhoramentos, pois, segundo os signatários, qualquer chuva deixava a rua intransitável, “de modo a não poder*

*passar pessoa calçada, além das águas estagnadas em alguns lugares”.*<sup>5</sup>

O fato ocorria em virtude das águas que desciam do Morro do Imperador, através dos quintais das residências que se estabeleciam nas proximidades.

A vitalidade do centro da cidade devia-se ao Mercado Municipal, instalado ao lado da Câmara. O ajardinamento do Largo Municipal, depois de várias propostas para melhoria higiênica do local, acabou deslocando o Mercado e causou protestos da população uma vez que também impedia a instalação de circos, touradas e cavalhadas ocorridos naquele lugar.<sup>6</sup> Tais protestos reafirmam este espaço como o núcleo inicial onde a população reunia-se para as compras diárias e para o divertimento, configurando-se como centro de comércio e também de lazer. A planta da cidade, realizada pelo engenheiro José Barbalho Uchôa Cavalcanti, em 1881, confirma, na década de 1880, a concentração urbana no centro supra citado. As 613 casas estavam assim distribuídas:

---

Município de Juiz de Fora - 1915. Belo Horizonte : Imprensa Oficial, 1915. p. 162 e 163.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2 ed., Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966. p. 118.

---

<sup>5</sup>Idem. p. 99.

<sup>6</sup> Idem. p. 105.

*rua Direita - do Largo do Riachuelo ao Lamaçal, 155; rua do Imperador, do Largo do Riachuelo à Cadeia, 30; rua de São Sebastião, 2; rua da Liberdade - da rua de Santo Antônio à Estrada de Ferro, 58; rua Halfeld - da rua Direita à Estrada de Ferro, 73; (...)*<sup>7</sup>

De acordo com uma relação enviada ao Governo da Província, em 1870, existiam 190 estabelecimentos comerciais e industriais na cidade, onde se destacam as 107 casas de negócio e 13 mascastes.<sup>8</sup> Outro censo, já na década de 1890, mostra o crescimento da cidade: “*rua Direita, 1446 habitantes; rua do Comércio, 753; rua Halfeld, 716; ruas Marechal Deodoro e Fonseca Hermes e Largo da Estação, 762; (...)*”.<sup>9</sup> Percebe-se, pelo censo de 1890, a diferença estabelecida entre as ruas Halfeld e Marechal Deodoro. A primeira, aparece em separado, enquanto a segunda em conjunto com o Largo da Estação. O Almanque da cidade, de 1891, confirma a variedade do comércio no centro da cidade.

---

<sup>7</sup> Idem. p. 118.

<sup>8</sup> Idem. p. 103.

Conforme podemos observar através dos dados expostos no Quadro 01 (Anexo 01), o comércio era mais diversificado e sofisticado na rua Halfeld. Além disso, a numeração pequena das casas, não ultrapassando o número 90, reafirma a concentração urbana inicialmente na parte alta das duas ruas.

A diferença exposta no censo evidencia, também, um segundo momento na história da cidade, quando o movimento comercial e urbano já estava sendo deslocado para as proximidades da Estação. As fotos da cidade, no final do século XIX, mostram a parte baixa das duas ruas. A rua Halfeld, ainda sem os trilhos dos bondes, com muitos sobrados e algumas casas de apenas um pavimento, um contraste se comparada à visão do ano de 1870: casas de pau a pique. Na rua Marechal, diferentemente, a maior parte das casas eram de um único pavimento.<sup>10</sup>

O deslocamento e a concentração gradativa do comércio na parte mais baixa das ruas ocorreu em virtude da construção da Rodovia União & Indústria, inaugurada em

---

<sup>9</sup> Idem. p. 150.

1861, com a presença marcante do Imperador do Brasil e de sua corte. Com a Rodovia, o comendador Mariano Procópio, mexeu nos pilares da organização urbana da cidade, deslocando o traçado da Rodovia para fora do perímetro urbano, cuja concentração já se fazia ao longo da rua Direita. Assim, o comendador deu início à primeira transformação no traçado urbano do município. Além de perder qualquer benefício financeiro por parte da Província, em virtude do alto valor empregado na Rodovia, o comendador Mariano, enfureceu os políticos locais. Não houve preocupação em estabelecer uma estação na cidade, obrigando os moradores a se deslocarem até a Estação de Rio Novo, localizada fora do perímetro urbano, distante três quilômetros do núcleo urbano original, instalado ao longo da rua Direita. <sup>11</sup>

Depois da elite local sair abatida com a definição do traçado da Rodovia, no ano de 1855, por fora da área urbana,

---

<sup>10</sup> Conforme fotos 06, 24 e 13. MUSEU MARIANO PROCÓPIO: Coleção de fotos (final do século XIX).

<sup>11</sup> Sobre a questão da rivalidade existente entre Mariano Procópio e os políticos locais, encarregados da defesa dos interesses do núcleo de povoamento instalado originalmente ao longo do Caminho Novo: ver GENOVEZ, Patrícia Falco. *As*

gerando uma situação tão difícil que sequer a Câmara foi convidada para a inauguração em 1861 <sup>12</sup>, a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II configurou-se no novo pesadelo na década de setenta. A estação da tão esperada ferrovia, que na época parecia apenas um sonho, permaneceu no mesmo lugar onde fora instalada a estação da Rodovia, a três quilômetros de distância da cidade. <sup>13</sup> A construção de uma estação dentro do município só aconteceu após a morte do comendador Mariano. Uma conquista, levando-se em conta as forças que estavam em ação no início da construção e o contexto desfavorável. <sup>14</sup> A Câmara era muito pobre e foi preciso levantar o dinheiro para o terreno do bolso dos próprios vereadores. O conflito, começou a resolver-se em 1873, após a morte do comendador Mariano Procópio

---

**malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX.** Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1996.

<sup>12</sup> A inauguração da rodovia, em 1861, contou com a presença do Imperador D. Pedro II. Sobre a recepção e os convidados e todo o cerimonial que envolveu a inauguração ver GENOVEZ, Patrícia Falco. op. cit.

<sup>13</sup> ESTEVES, Albino. op. cit., p. 66. Para o major Ignácio da Gama, um contemporâneo, a situação era clara (...) *havia duas forças que lutavam: a União e Indústria, desejosa de povoar, de dar vida à Mariano Procópio (Rio Novo até 1881), e a cidade, que se avolumava na vargem fronteira ao sobrado do juiz-de-fora*

<sup>14</sup> Idem. p. 67.

quando, finalmente, houve um movimento no sentido de se estabelecer uma estação na cidade. Em 1875, foram atendidos os apelos, e o Presidente da Câmara enviou cartas de agradecimento aos Deputados Provinciais empenhados nesse movimento.<sup>15</sup>

Não foi apenas por capricho que a elite local se interessou pelo sistema viário da cidade. É através dele que a cultura cafeeira irá se expandir, primeiro, através da União & Indústria, depois, através da malha ferroviária.<sup>16</sup> A década de 1870, época na qual foi construída a Estação, também apresenta a expansão de investimentos na área comercial e industrial no valor de 50,98%.<sup>17</sup> *Em 1875 a Estrada de Ferro Pedro II atinge o município, consolidando sua posição de pólo urbano regional e estimulando imensamente, (...), a*

---

<sup>15</sup> Idem. Ver também ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Séries 40, 136, 142 e 164. Sobre a procedência dos deputados relacionados ver ARQUIVO DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO, livros de Atas de apuração de eleições e de assinatura de eleitores 112/026, 131/036, 133/038.

<sup>16</sup> GIROLETTI, Domingos. **Industrialização de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1988. p. 153 a 155.

<sup>17</sup> MIRANDA, Sônia Regina. **Cidade, capital e poder: políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1990. p. 102.

*produção agroexportadora da região.*<sup>18</sup> A estação na cidade configura-se, portanto, em ponto essencial para atrair o desenvolvimento e, o movimento de passageiros e cargas traria, conseqüentemente, novos ares à economia, incorporando e agilizando áreas antes desprezadas pelo comércio e pelos próprios habitantes.

Já na década de 1880 percebe-se uma grande melhoria na estrutura urbana e nos serviços prestados. Uma evolução que ocorre em meio ao processo de transição da mão-de-obra escrava para o trabalho livre. Os reflexos trazem implicações imediatas na conformação urbana da cidade ao alargar o mercado de consumo interno e ao *redimensionar as articulações e as funções que o setor urbano vinha desempenhando no interior da estrutura agroexportadora.*

<sup>19</sup> Há, portanto, um deslocamento visível das atividades concentradas no núcleo de povoamento original para um novo centro que se formava nas ruas próximas, às margens dos trilhos da ferrovia, principalmente aquelas que

---

<sup>18</sup> PIRES, Anderson. **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora - 1870/1930**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1993. p. 121.

desaguavam na Estação: as ruas Halfeld e Marechal Deodoro.

Nas proximidades da ferrovia se concentrou o desenvolvimento comercial e industrial, mudando todo o aspecto urbano. É o momento de maior adensamento populacional e, concomitantemente, comercial e industrial de setores urbanos pouco desenvolvidos como a área vizinha à Estação e às proximidades, como a Praça Antônio Carlos, abrindo caminho para o desenvolvimento em direção à avenida Sete de Setembro.<sup>20</sup> Contudo, o desenvolvimento industrial deve ser observado intrinsecamente articulado com o setor agroexportador<sup>21</sup> e, é a partir dessa dinâmica que devemos analisar o deslocamento das atividades urbanas e da concentração populacional. Uma preocupação que aparece no Código das Construções:

---

<sup>19</sup> Idem. p. 121 e 122.

<sup>20</sup> Idem. p. 124. Apenas para se ter uma idéia, o crescimento populacional de Juiz de Fora em relação a outros dez municípios da Zona da Mata, no ano de 1920, correspondeu a 42,20%.

<sup>21</sup> Ver ANDRADE, Sílvia M. Belfort Villela de. **Classe operária em Juiz de Fora. Uma história de lutas (1912-1924)**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

*Ficam assim discriminadas as vias públicas nas quais são proibidas construções e reconstruções de prédios de um só pavimento: Rua Halfeld entre as Avenidas 7 de Setembro e Rio Branco, rua Marechal Deodoro, entre a Praça Dr. João Penido e Avenida Rio Branco, Praça Dr. João Penido; rua Dr. Paulo de Frontin; Avenida Francisco Bernardino, entre a Praça Dr. João Penido e a rua Batista de Oliveira; Avenida 15 de Novembro entre as ruas Espírito Santo e Floriano Peixoto; Avenida Rio Branco, entre as ruas Marechal Deodoro e São João.*<sup>22</sup>

Num aspecto mais amplo, a estação configurava-se em um signo de passagem do antigo para o novo, “(...), além desse valor simbólico, tinha também, um valor pragmático; pelo trem chegavam as pessoas, os livros, e os materiais para a edificação da cidade.”<sup>23</sup> É numa sociedade em transição, como a que acabamos de caracterizar, que o

---

<sup>22</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA - **Código das Construções: contendo as posturas, leis e decretos municipais da Diretoria de Obras Públicas**. 1936, Capítulo 1 - Das Construções, Artigo 59, Decreto 171/76.

<sup>23</sup> SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Belo Horizonte - o nascimento de uma capital**. Guia da Exposição. Belo Horizonte, 1996. p. 4.



ecletismo faz morada. As construções que inicialmente fazem parte dos arredores da Praça da Estação, compreendendo as ruas Halfeld e Marechal Deodoro, buscam um contraponto com as construções operárias e os cortiços advindos do desenvolvimento industrial. Nas residências, hotéis e casas de comércio percebe-se a necessidade de uma sociedade em conjugar o passado com o presente. Os imigrantes foram os maiores contribuidores para que o estilo se consolidasse. Foram eles que trouxeram, para uma sociedade recém saída da escravidão, os conhecimentos e as aptidões exigidos pela indústria e posturas urbanas calcadas nos preceitos higienistas.<sup>24</sup> O mesmo se pode afirmar com o estilo Art Déco.<sup>25</sup> Em suas origens, desde o final da Primeira Grande Guerra, percebe-se um intercâmbio cada vez maior entre o Brasil e a Europa, com artista emigrando para cá e brasileiros indo estudar no

---

<sup>24</sup> Idem. p. 12.

<sup>25</sup> Ver CHRISTO, Maraliz de C. Vieira Christo. Algumas considerações sobre o Art Déco." In: --- & SOUZA, Maria Julieta Nunes de. **Art déco e patrimônio Arquitetônico**. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 1)

velho continente.<sup>26</sup> Com uma relação intrínseca às mudanças econômicas que se concretizavam nas primeiras décadas do século XX, a arquitetura ajudava na visibilidade do conceito de modernização, entendida como vontade e desejo coletivo de recuperar o tempo perdido e escapar do atraso, correndo contra o relógio.<sup>27</sup>

As novas construções que circundavam a Praça da Estação e das ruas que nela desaguavam, Halfeld e Marechal Deodoro, formavam um conjunto que marcava uma nova época em contraponto aos belos sobrados da avenida Rio Branco. Criava, nos moradores da cidade, impressões as mais diversas ao mostrar, na simplificação de suas linhas e na racionalização de suas formas, o fim de um tempo baseado na economia cafeeira e nos senhores de terras e homens. Nas memória de Raquel Jardim, o contraponto torna-se evidente. Em suas palavras, a rua Halfeld, que era a rua principal, ficava em frente ao parque. Muito feia, mas também típica

---

<sup>26</sup> CONDE, Luiz Paulo Fernandez. "Art Déco: modernidade antes do movimento moderno". **Art Déco na América Latina**. I Seminário Internacional - Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/SMU, Solar Granjean de Montigny - PUC/RJ, 1997. p. 69.

desse gênero de cidade. Construções de cimento, sem nenhum estilo.<sup>28</sup> Em contrapartida, aparece nas memórias da autora a outra parte da cidade, aquela ainda presa a um passado marcado pelo poder econômico ostentado pelos barões do café. A avenida Rio Branco era a parte que ela mais gostava, *à medida que ia subindo, ficava cada vez mais bonita. Iam aparecendo as casas apalacetadas, as mansões.*  
29

Um ambiente que se assemelhava, curiosamente, à parte das ruas Halfeld e Marechal que seguia em direção ao Morro do Imperador. Lá ainda estavam antigas chácaras e pequenas propriedades pertencentes aos antigos fazendeiros de café. Uma evidência desse fato é a doação de um terreno feita pelo Dr. Joaquim Nogueira Jaguaribe, em 1914, com o intuito de facilitar a abertura da rua da Serra (atual Olegário Maciel).<sup>30</sup> Conforme depoimento do Dr. Alberto Arbex, a rua Oscar Vidal era o quintal dos dos Penidos. Um dos

---

<sup>27</sup> CONDE, Luiz Paulo Fernandez. op. cit., p. 69.

<sup>28</sup> JARDIM, Raquel. **Os anos 40: a ficção e o real de uma época.** 2. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 14.

<sup>29</sup> Idem. p. 15.

Ganimi casou-se com uma Bounier e, quando morreram os outros herdeiros, ele construiu os prédios. A rua ia até a Santo Antônio.<sup>31</sup> Assim, a parte próxima à base do Morro do Imperador configura-se numa outra realidade. No caso específico do trecho entre as ruas Halfeld e Marechal, era uma lógica diversa daquela empregada na parte mais baixa. Lá moravam os mais ricos que preferiam manter-se afastados do movimentado centro urbano e ao mesmo tempo terem um fácil acesso ao comércio mais sofisticado da parte alta e os footings pela rua Halfeld.

*Em geral as pessoas mais ricas (médicos e industriais) moravam na parte altíssima. Para se ter uma idéia na esquina da rua Santo Antônio com a Marechal, onde hoje é um prédio, havia a belíssima casa do Dr. Constantino Palleta, era quase uma fazenda e, foi destruída mais ou menos na década de 70.*<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Paulino de. op. cit., p. 215.

<sup>31</sup> Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 15/05/1998, pelo Doutor Alberto Arbex, advogado e comerciante. Proprietário do Bazer São João.

<sup>32</sup> Idem.

A residência situada na **rua Halfeld, n.º 1071**, assim como o atual *Restaurante Astória*, situado à **rua Gilberto de Alencar, n.º 858, esquina com a rua Marechal Deodoro**, são dois exemplos de uma fase de transição na forma de ocupação desse local. As antigas chácaras começam a desaparecer com alteração da malha urbana, surgindo em seu lugar residências que seguem o alinhamento da rua, mas preservam sua privacidade através da elevação do porão, muitas vezes habitável, e da entrada lateral protegida pelo alpendre. Além da privacidade, os recuos laterais da construção em relação ao lote, permite resguardar a qualidade de vida, no que diz respeito à entrada de ar e luz natural, desfrutada nas antigas chácaras. As fachadas recebem um tratamento especial, buscando evidenciar o status de seus moradores. O n.º 1.071, da rua Halfeld, apresenta uma fachada eclética enquanto o *Restaurante Astória*, conjuga livremente elementos neo-coloniais (beirais, azulejos...) com antigas platibandas.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Consultoria: Professora Mestre Maraliz de C. Vieira Christo (UFJF).

A proprietária do imóvel onde funciona o *Restaurante Astória*, dona Ináh Mello de Carvalho, conta que ouvia dizer, quando criança que a casa era linda. Seu pai, José Marques de Mello, a adquiriu em 1938, anos após sua construção, que ocorreu em 1914. Durante esse período, a casa sofreu sua primeira reforma. Depois, passou por uma segunda quando dona Ináh foi morar lá com o marido, senhor Getúlio Nogueira de Carvalho.<sup>34</sup> Além disso, o interior também teve alterações com a pintura cobrindo alguns painéis. O senhor Getúlio foi o criador da linha de limousine entre Juiz de Fora e Rio de Janeiro, a *Rio Rápido*, que funcionou entre os anos de 1936 e 1954. Para a instalação da empresa, comprou uma

---

<sup>34</sup> Conforme informações obtidas a partir do Processo n.º 971 (ano 1955), da DICOM, o primeiro projeto de modificação, data de 14/06/1932. O engenheiro responsável foi o construtor Severino Junqueira Meirelles (1895-1936, natural de Rio Branco – MG – Filho de José dos Reis Meireles e Delmira Junqueira Meireles. Solteiro. Engenheiro. Construtor e projetista. É titular de rua. Ver PROCÓPIO FILHO, J. **Salvo Erro ou omissão**, p.300). Nesta época o proprietário era o Dr. Francisco Alves. O segundo projeto de modificação data de 29/04/1971. A Construtora Administradora S.A - C.A.S.A foi a responsável pela obra. Houve modificações internas e anexo lado esquerdo. Na década de 70 o proprietário era o senhor Getúlio Nogueira de Carvalho (1909 – 1979), natural de Arcos – MG – Filho de João Nogueira de Carvalho e Arcângela Nogueira de Carvalho., Casado com Inah Melo de Carvalho. Comerciante de automóveis. Oficina de reparos. Transporte interurbano de passageiros, “Rio-Rápido”. Empresário. Fazendeiro no distrito da cidade. Aficionado do tiro ao voo. Investidor imobiliário, acionário e financeiro.

enorme área na Avenida dos Andradas, próximo ao local onde a Câmara escolheu para instalar o mercado da cidade. Ele também foi o criador da primeira linha de ônibus da cidade: Benfica - Alto dos Passos, a *Viação Diana S.A.*, em 1949; e a *Agência Ford*, na Praça da Estação.<sup>35</sup>

Desde o final do século XIX, a rua Halfeld era uma das vias mais movimentadas. Era o lugar de construções de estilo leve e alegre, principalmente nas primeiras décadas deste século. Bastante influenciada pelos imigrantes italianos, onde se destacam Pantaleone Arcuri e Spinelli, esta rua abrigava, por volta da década de 10 e 20, várias casas comerciais alimentícias atacadistas e varejistas.<sup>36</sup> Mais tarde instalaram-se o cinema São Luiz e o Cine Teatro Central e, principalmente, vários hotéis. A concentração de hotéis na rua Halfeld deu-se em virtude de sua proximidade à Estação. *Os comerciantes e donos de hotéis escolheram a*

*parte baixa da Halfeld porque assim ficavam mais perto dos viajantes.*<sup>37</sup>

Rua acostumada a grande *glamour*, era lá que se faziam as batalhas de confete no Carnaval. Nas memória de Murilo Mendes não é possível situá-la no tempo ou no espaço, era o corredor onde homens e mulheres, da “boa sociedade”, transitavam.<sup>38</sup> Nesse aspecto, diferia bastante da Marechal Deodoro, local mais procurado pelas classes mais baixas. A diferença, segundo o Dr. Alberto Arbex, ocorria porque a cidade, apesar de ser um pólo convergente na região, *era uma cidade operária e pobre. As lojas da parte baixa vendiam brim, tricoline, panos simples; cretones, opalas... Na parte alta da Halfeld ficavam os bancos, joalherias e perfumarias.*<sup>39</sup>

---

PROCÓPIO FILHO, J. op. cit., p. 136. Consultoria da Professora Mestre Maraliz de Castro Vieira Christo.

<sup>35</sup> Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 16/05/1998, pela senhora Ináh Mello de Carvalho. Proprietária da casa onde funciona o Restaurante Astória.

---

<sup>36</sup> LOPES, Oscar Pereira. Comércio da Rua Halfeld. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora**. Ano VII, n. 7, dez. 1973. p. 105 a 128.

<sup>37</sup> Entrevista concedida pelo senhor Moysés Arbex, lojista (Casa Vitória), à Daniella Freitas em 28/04/1998.

<sup>38</sup> MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968. p. 11 e 144.

<sup>39</sup> Entrevista concedida pelo senhor Moysés Arbex, lojista (Casa Vitória), à Daniella Pires de Freitas em 28/04/1998.

Além do comércio e do *glamour* de seus transeuntes, a rua Halfeld, também, era o centro político da cidade, devido sua proximidade com a Câmara Municipal. Em 1935, foi palco do conflito entre os membros da Ação Integralista e da Aliança Nacional Libertadora.<sup>40</sup> Era, por assim dizer, o termômetro cultural e político, local onde se reuniam os bem nascidos, os intelectuais e os políticos. Para definir melhor o que a rua Halfeld representava, somente as palavras de Pedro Nava.

*A rua Halfeld desce como um rio, do morro do Imperador, e vai desaguar na Praça da Estação. Entre suas margens direita e o Alto dos Passos estão a Câmara; o Fórum; a Academia de Comércio(...); a Matriz, (...); a Santa Casa de Misericórdia, (...); a Cadeia, (...); toda uma estrutura social bem pensante (...). Esses estabelecimentos tinham sido criados, com a cidade, por cidadãos prestantes que praticavam ostensivamente a virtude (...). Já a margem esquerda da rua Halfeld marcava o começo de uma cidade mais alegre, mais*

---

<sup>40</sup> OLIVEIRA, Mônica R. **Juiz de Fora: vivendo a história**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/ Editora da UFJF, 1994. p. 64.

*livre, mais despreocupada e mais revolucionária. O Juiz de Fora projetado no trecho da Rua Direita era, por força do que continha, naturalmente oposto e inconscientemente rebelde ao Alto dos Passos. Nele estavam o Parque Halfeld e o Largo do Riachuelo, onde a escuridão noturna e a solidão favorecia a pouca vergonha. Esta era mais desoladora ainda nas vizinhanças da linha férrea (...).*<sup>41</sup>

Nas décadas de 30 e 40, as estruturas de gosto déco eram utilizadas com frequência como edifícios comerciais.

<sup>42</sup> No caso da cidade de Juiz de Fora, principalmente na rua Marechal Deodoro, na parte baixa, esses edifícios abrigaram várias casas comerciais, evidenciando o progresso econômico, além de mostrarem um outro movimento: a vitória econômica de várias famílias sírias que para cá vieram no final do século XIX e início do XX.

---

<sup>41</sup> NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. Memórias 1. 6ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 20 e 21.

<sup>42</sup> SEGAWA, Hugo. “Modernidade pragmática: arquitetura no Brasil dos anos 1920 a 1940”. **Art Déco na América Latina**. op. cit., p. 174.

*Os sírios, todos provenientes da cidade de Yabroud, se fixaram logo no setor comercial de seu interesse, concentrando-se, assim como os libaneses, sobretudo ao longo da rua Marechal Deodoro e imediações - Largo da Alegria, pequeno trecho da rua Batista de Oliveira e parte da rua Halfeld, nesta entre a Avenida 15 de Novembro, hoje Getúlio Vargas, e avenida Barão do Rio Branco - com lojas de tecidos e armarinhos de alto prestígio.* <sup>43</sup>

Embora o favorecimento econômico dos sírios e libaneses fosse evidente, a parte baixa da Marechal Deodoro era considerada uma parte pobre da cidade. As construções que lá se estabeleciam, emblema do progresso e da modernização, verticalizava a paisagem da cidade. De certa forma, era uma solução habitacional desconhecida para os habitantes acostumados aos palacetes que relembavam os tempos áureos dos fazendeiros. <sup>44</sup> Povoada posteriormente,

---

<sup>43</sup> BASTOS, Wilson de Lima. **Os sírios em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Paraibuna, 1988. p. 7.

<sup>44</sup> SEGAWA, Hugo. op. cit., p. 174. Segundo o autor, as habitações verticais que o estilo art déco trazia, era tido pela sociedade como promíscuo.

esta área da cidade acolheu inúmeras famílias sírias, dedicadas ao comércio. Além dos sírios e libaneses, também, podemos encontrar entre os comerciantes a presença de alguns portugueses no comércio. <sup>45</sup>

A presença síria nas imediações da Praça da Estação e, principalmente, na parte baixa da rua Marechal Deodoro, continua sendo representada nas construções que ainda existem. Marcam a saga de várias famílias que se estabeleceram em suas casas comerciais após anos de dedicação no comércio ambulante. Entre essas famílias podemos citar: os Hallack, Arbex, Mockdeci, Cury e Bara. Inúmeras foram as lojas comerciais fundadas por estas famílias entre as décadas de 20 e 50, entre elas: *A Esquina da Moda, A Vencedora, Bazar São João, Bazar São Jorge, Casa André, Casa Aristocrata, Casa Aurora, Casa Chic, Casa Combate, Casa do Preço Barato, Casa Dois Irmãos, Casa Glória, Casa Ideal, Casa Mineira, Casa Normandi, Casa Petrus, Casa Vitória, Confecções Royal, Loja Santa Branca,*

---

<sup>45</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Salvo erro ou omissão - Gente juizforana**. Juiz de Fora: (edição do autor), 1979. p. 8 e 9.

*Loja Marabá, Loja Síria, Loja Valenciana, Lojas Tony, Luva Vermelha, Naine's, Pague Pouco.* <sup>46</sup> Houve, também, contribuições importantes referentes a construções de grande porte para a cidade: Edifício Baependi, Galeria Hallack e Edifício Gattás Bara.

É importante esclarecer que o comércio sírio e libanês não ficou restrito apenas na parte baixa da Marechal Deodoro, embora tenha se estabelecido lá de forma arrebatadora. <sup>47</sup> Além disso, esse conjunto arquitetônico não representa apenas um novo período econômico da cidade. O espaço escolhido e ocupado é o emblema da ascensão econômica de um grupo de imigrantes que plantou suas raízes neste município. Representa uma tradição que está chegando ao fim. Se compararmos o empenho na área

---

<sup>46</sup> Todas as lojas mencionadas encontram-se em BASTOS, Wilson de Lima. op. cit., p. 48 a 177.

<sup>47</sup> Podemos encontrar estabelecimentos comerciais referentes a proprietários sírios e libaneses nas seguintes ruas e galerias da cidade: Galerias Pio X, Bruno Barbosa, Álvaro Braga, Constança Valadares, Belfort Arantes, Castro Alves; nas ruas Halfeld, Getúlio Vargas, Batista de Oliveira, São João, Roberto de Barros, Paulo de Frontin, Mister Moore, Fonseca Hermes, São Sebastião e Floriano Peixoto; além das avenidas dos Andradas e Barão do Rio Branco. Contudo, vale a pena ressaltar que todas essas ruas, galerias e avenidas juntas não correspondem à metade do comércio concentrado

comercial da primeira geração de sírios e libaneses que chegaram à cidade e a vocação da segunda e terceira geração, podemos verificar mais um motivo para resguardar este patrimônio. O que podemos perceber é que as gerações posteriores tem se voltado para as profissões liberais, abandonando a tradição comercial. Os reflexos desse deslocamento já se tornam evidentes uma vez que inúmeras das lojas supra citadas estão baixando suas portas, embora algumas continuem em funcionamento. <sup>48</sup> Conforme depoimento da senhora Mournira Haddad Rahmn, lojista na rua Marechal Deodoro, *o comércio escraviza muito e os pais preferem que os filhos estudem. Além disso, é difícil lidar com o público.* <sup>49</sup> A senhora Nual Krayem Arbex acha que, com a mudança *os filhos perdem por saírem para profissões liberais, perdem o sentido de viver. Os pais também, porque*

---

na rua Marechal Deodoro. Ver dados em BASTOS, Wilson de Lima. op. cit., obra completa.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> Entrevista concedida, em 27/04/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira pela senhora Mounira Haddad Rahmn - Proprietária da Casa Chic, loja fundada em 1928. Chegou ao Brasil em 20/02/1954.

*lutam para nada. Não tem continuidade.* <sup>50</sup> Ainda em seu depoimento, a senhora Mounira fala da importância da Estação e os motivos pelos quais o comércio se concentrou em suas imediações.

*O comércio se estabeleceu lá (parte baixa da rua Marechal Deodoro) por causa do trem. Os fazendeiros chegavam para comprar roupas e enxovais. O tempo era curto, em duas horas o trem voltava. Por isso, as lojas se concentravam na parte baixa. Na rua Halfeld, diferentemente, tinha os hotéis, para aqueles que precisavam permanecer na cidade mais tempo.* <sup>51</sup>

A Revista da Associação Comercial, em sua edição comemorativa de 100 anos, confirma o depoimento da

---

<sup>50</sup> Entrevista concedida, em 16/05/1998, à Leda Maria de Oliveira pela senhora Nual Krayem Arbex - esposa do Dr. Alberto Arbex. Chegou ao Brasil em 1968.

<sup>51</sup> Entrevista concedida, em 27/04/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira pela senhora Mounira Haddad Rahmn - Proprietária da Casa Chic, loja fundada em 1928. Chegou ao Brasil em 20/02/1954. Sobre a rede hoteleira do município, ver LESSA, Jair. **Juiz de Fora e seus pioneiros.** Do Caminho Novo à Proclamação da República. Juiz de Fora: UFJF/FUNALFA, 1985. Nessa pesquisa Jair Lessa mostra o florescimento da rede hoteleira da cidade, iniciada em 1877, criada para atender à população flutuante nas proximidades de Mariano e da Praça da Estação, posteriormente construída. p. 130 a 132.

senhora Mounira. A rua preferida do comércio, assim se estabeleceu em virtude da proximidade com a Estação. Além disso, tinha um transporte rápido e fácil.

*sediou essa rua uma incrível diversificação de estabelecimentos comerciais, como pensões, a Charutaria Índios de Cuba, loterias, casas de tecidos, calçados, açougues, funilarias, artefatos em folha-de-Flandres, costureiras, depósito de carvão e lenha. (...) Com um detalhe não menos interessante, que confirma a preocupação de manter o comércio o mais próximo possível da Estação e da esquina com a rua do Comércio, depois da Batista de Oliveira. Desse ponto até a rua Direita (Rio Branco), diz Pereira Lopes, não havia qualquer estabelecimento comercial ou industrial, salvo a Pensão Globo e a Pensão Mendes.* <sup>52</sup>

O problema mais difícil a superar, nas últimas décadas, segundo a senhora Mounira, é a posição geográfica em que se encontram as lojas estabelecidas na parte baixa da



rua Marechal Deodoro. Com a redução do movimento na Praça da Estação e o surgimento de outras formas de transporte, a parte baixa da Marechal Deodoro ficou isolada.<sup>53</sup> O entroncamento das ruas Marechal Deodoro, Batista de Oliveira e Getúlio Vargas, além de ser difícil para atravessar, ganhou nova movimentação com os ônibus que começaram a circular nas avenidas Getúlio Vargas e Barão do Rio Branco. Mais uma vez, os meios de transportes mudam a configuração urbana da cidade, obrigando os comerciantes a levarem suas lojas para mais próximo do movimento de passageiros.

O transporte fácil e rápido que havia na rua Marechal Deodoro, com os bondes, também circulava por outras ruas da cidade, integrando o centro comercial, político e econômico. A primeira secção de linhas de bonde foi construída em 1881, entre a Estação de Mariano e a Ponte do Queiroz, na rua Direita (Rio Branco), passando pela rua da Imperatriz (Marechal Deodoro) e logo depois até o Alto dos

---

<sup>52</sup> **Revista da Associação Comercial - 100 anos.** Edição Comemorativa. Juiz de Fora, 1996. p. 3.

Passos. A segunda, em 1882, partia do Largo Municipal até o Largo da Gratidão. O bonde também passava pela rua Paulo de Frontin, conforme correspondência entre a Câmara Municipal e a Companhia Mineira de Eletricidade, responsável pelas linhas de bondes. Em 1906, os bondes elétricos passam a circular nos mesmos trajetos.<sup>54</sup>

Na década de 10 surgem os primeiros ônibus de tração mecânica e auto-lotações que supriam as necessidades de transporte de áreas mais distantes do centro urbano, como por exemplo, a parte alta da cidade.<sup>55</sup> A experiência continuou dando frutos até que, no final da década de 40, implantou-se a primeira linha de ônibus cruzando a cidade de um extremo a outro. Contudo, o centro da cidade continuava servida pelos bondes, que entraram em decadência, sendo substituídos por ônibus, em 1967, no governo do prefeito

---

<sup>53</sup> Conforme entrevista de dona Mounira Haddad Rahmn.

<sup>54</sup> OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora.** 2 ed., Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966. p. 128 e 129. Ver também, ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Documentos da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Série 09 a 13/5.

<sup>55</sup> OLIVEIRA, Paulino. op. cit., p. 208.

Itamar Franco. O último bonde circulou em 1969.<sup>56</sup> A opção por um transporte mais rápido, e que cobria áreas distantes do centro da cidade, fez com que a população logo mudasse hábitos antigos, levando-a a transitar fora do perímetro da Praça da Estação. O movimento, portanto, passa a se concentrar entre as avenidas Getúlio Vargas e Barão do Rio Branco. Esse deslocamento acaba marginalizando, não apenas o comércio, como também, os próprios moradores e transeuntes da parte baixa das ruas Halfeld e Marechal Deodoro.

De acordo com os dados do Almanaque da cidade (Quadro 02 em anexo), de 1916, as ruas Halfeld e Marechal apresentaram poucas mudanças em relação às atividades comerciais. O que se pode verificar é que o comércio na Marechal torna-se mais diversificado do que no período anterior. A maior diferença ocorre entre os dados apresentados no Catálogo Telefônico de 1935 (Quadro 03,

em anexo).<sup>57</sup> Lá percebe-se uma sofisticação maior na parte alta das ruas (embora na tabela não haja numeração das casas comerciais), o Catálogo nos permite observar que as lojas mais finas concentravam-se na Halfeld, mais que na Marechal. Fato comprovado pelo depoimento do Dr. Alberto Arbex.

*Onde hoje é o Edifício Baependy funcionava a loja A Evolução, loja de tecidos do Sr. Cecílio Sampaio e do sócio árabe Bady. Vendia tecidos finos. Tinha também uma loja de sapatos finos, mais ou menos onde hoje é o McDonald's. As casas eram belas onde é o shopping da escada rolante. Eu frequentava o café Salvaterra até, mais ou menos, 1975, quando fechou. Ele funcionava onde hoje é o Banco Boa Vista (**Halfeld número 699**). Era o ponto de encontro de estudantes, intelectuais, vereadores saíam de suas reuniões e iam para lá. Também iam políticos que davam entrevistas na (**Halfeld número 675**) Rádio Industrial (Bob's). O bar mais importante era o Astória que reunia os*

---

<sup>56</sup> CANÇADO, Vera Lúcia e THIELMANN, Ricardo. **A história dos transportes coletivos urbanos por ônibus em Juiz de Fora**. UFJF/FEA, Juiz de Fora, 1995.

---

<sup>57</sup> Para uma comparação entre os anos analisados ver Quadro 04, em anexo.

*estudantes, vindos da Academia e do São José, e alguns artistas. A Sociedade Antônio Parreiras transferiu-se para onde hoje é a Ótica Juiz de Fora (Halfeld números 792 e 798), e, antes era a Windsor. Onde é o Banco do Brasil Moderno era a sinuca do Sr. Pestana (gerente). Em frente ao Edifício Juiz de Fora era o bar (sinuca) dos Irmãos Oliveira (portugueses), Bar 15 de Novembro (demolido na década de 60). Outro, o 7 de Setembro, funcionava onde hoje é o Bob's (Halfeld número 675); o Bar Nacional (demolido na década de 80) funcionava abaixo do Hotel São Luiz. Na rua Marechal, onde hoje é o início da Loja Americana, havia uma casa enorme com varanda, mais ou menos colonial, com quintal. Pertencia ao Silva Mello.<sup>58</sup>*

O conjunto arquitetônico, apresentado com o intuito de preservação <sup>59</sup>, é repositório de muitas outras memórias, como por exemplo, as da senhora Nabia Farage Miana,

---

<sup>58</sup> Entrevista concedida, em 16/05/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, pelo Doutor Alberto Arbex, advogado e comerciante. Proprietário do Bazar São João.

<sup>59</sup> Sobre preservação do patrimônio ver SOUZA, Maria Julieta Nunes de. Preservação do Patrimônio Arquitetônico: uma trajetória. In: --- e SOUZA, Maria

esposa do proprietário da *Casa Imperial* (ver foto 01). Esta loja funcionava na *Galeria Pio X (Halfeld número 734*, ver foto 01), onde hoje é a *Glamour*. <sup>60</sup> Ela também se lembra do comércio das duas ruas, por volta da década de 40. A *Demanos (Halfeld números 699 e 711)*, antiga casa *Hudersfield*, abrigava uma joalheria, de possível propriedade de um português; na esquina da Halfeld com a Batista de Oliveira, tinha a casa *Ao Jardim das Noivas*, uma lembrança viva, também, no depoimento do Dr. Alberto Arbex. Esta casa comercial chamava muita atenção na época devido à variedade dos artigos e serviços vendidos. <sup>61</sup>

Outra loja, a *Casa América*, próxima ao *Cinema Pálace*, constituía-se, igualmente, num comércio variadíssimo: ferragens, louças, coisas de construção. Havia, inclusive, um trilho com carrinho para as compras chegarem

---

Julieta Nunes de. **Art Déco e Patrimônio Histórico**. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 1).

<sup>60</sup> Esta loja foi adquirida do Senhor Simão Gabriel Sfeirr, pelo Senhor Fadul Miana, esposo da senhora Nabia. Conforme entrevistas concedidas por dona Nabia Farage Miana à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 07/05/1998; por dona Amélia Sfeirr Feres e sua filha Cléa Feres Nacif, em 16/05/1998.

<sup>61</sup> Além das entrevistas ver também **Catálogo Telefônico de 1935**. N. 21, 1935. MUSEU MARIANO PROCÓPIO.

até à porta. Outra, já citada pelo Dr. Alberto Arbex, é a loja de *Tecidos Sampaio*, da família Cury, onde hoje é a “nova” agência do Banco do Brasil. A *Loja Nós* funcionava onde é a entrada do Edifício Clube Juiz de Fora. Era uma loja de miudezas e brinquedos, cujo gerente, Sr. Mário Coelho, foi trabalhar na *Joalheria Windsor*. Um pouco abaixo da *Glamour*, na esquina da *Galeria Pio X (Halfeld número 734)*, funcionava a loja do *Portilho Simões*.<sup>62</sup>

A joalheria *Delanda*, era do outro lado da rua, ao lado do *Cine Glória*.<sup>63</sup> Foi apenas na década de 50 que o edifício da galeria começou a ser construído. A intenção era de se fazer uma galeria até a Marechal mas, não foi possível uma vez que o terreno não foi adquirido.<sup>64</sup> Outra joalheria, a *Windsor*, pertencia à família José Coelho. A *Miami*, era inicialmente um pouco acima, e foi fundada por um primo do marido de dona Nabia. No local onde funciona *As lojas*

---

<sup>62</sup> Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 07/05/1998, pela Senhora Nabia Farage Miana.

<sup>63</sup> Depoimentos concedidos à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 18/05/1998, pelos Senhores Mário César Manzolillo de Moraes, genro do fundador da Joalheria Delanda, e de seu cunhado Fúlvio Marcos De Landa Júnior.

<sup>64</sup> Idem.

*Americanas*, era uma confeitaria, *tipo da Colombo, muito chic, luxo mesmo...* Às tardes de quarta-feira, as moças iam ao Cine Teatro Central, na seção feminina, *muito chics e, depois, ficavam subindo e descendo a rua, e os rapazes parados paquerando...*<sup>65</sup>

Na *Galeria Pio X (Halfeld número 734)*, funcionou na década de 70, no primeiro andar: o Centro Cultural do DCE, o Centro de Estudos Cinematográficos e a Galeria de Arte Celina um novo espaço artístico nos anos 60 e 70. Iniciativa dos irmãos Bracher (Décio, Carlos e Nívea), esta Galeria foi inaugurada com o objetivo de aproximar os artistas do público, dada a inexistência de espaços específicos para exposições. A exemplo da Galeria Grupiara, de Belo Horizonte, aberta em 1963, a Galeria de Arte Celina foi a primeira ação efetiva em Juiz de Fora, visando à constituição de um mercado de arte. Através de 18 exposições, várias conferências e cursos, 5 festivais de cinema e 48 apresentações teatrais, de janeiro de 1966 a julho

---

<sup>65</sup> Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 07/05/1998, pela Senhora Nabia Farage Miana.

de 1976, a Galeria de Arte Celina articulou uma ampla programação cultural, numa clara intenção de formar um público juizforano. <sup>66</sup>

Na década de 70, marcada por uma forte resistência cultural à ditadura e aos padrões comportamentais conservadores, a Galeria de Arte Celina se apresentou como o único espaço aberto ao debate e passou a ser freqüentado por jovens universitários, em sua maioria ligados à contracultura. No mesmo andar da *Galeria Pio X* (Halfeld número 734), funcionava o Centro Cultural do Diretório Central dos Estudantes, responsável pela reativação, em 1975, do Centro de Estudos Cinematográficos. Criado originalmente em 1957, o CEC mantinha contacto com os cineclubistas do país inteiro, além de produzir artigos, críticas e muitos debates. A aliança da Galeria Celina com o CEC propiciou, a um grande número de pessoas, o primeiro contacto com os clássicos do cinema. <sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Consultoria: Professora Mestre Maraliz de C. Vieira Christo (UFJF).

<sup>67</sup> Idem.

A *Rádio Industrial*, no atual prédio onde funciona o *Bob's* (**Halfeld número 675**), foi fundada entre 1948-49, pelo empresário Alceu Nunes da Fonseca, também proprietário de rádio em Barbacena, Cachoeiro do Itapemirim e Volta Redonda. Na década de 60 ou 70, Sérgio Mendes a comprou. O canal, posteriormente vendido para um grupo de São Paulo, passou a se chamar *Rádio Capital*. É importante ressaltar que o Senhor Mário M. de Moraes, um dos depoentes, trabalhava na *Rádio Sociedade*, a mais antiga da cidade (1926). Esta rádio funcionava onde era a Biblioteca, no centro do Parque Halfeld. Na década de 60 a *Rádio Difusora* funcionava no mesmo prédio, no segundo andar, enquanto a *Rádio Industrial*, ficava no terceiro. <sup>68</sup> Conforme depoimentos,

*Havia um auditório onde as entrevistas eram feitas, por isso, depois que os entrevistados saíam, paravam no*

---

<sup>68</sup> Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 20/05/1998, pelo senhor Natalle Chianello (Natálio Luz). Italiano, nascido em Paola, em 03/06/1931. Advogado e jornalista. Foi chamado por Cláudio Temponi em 1954, para trabalhar na Rádio Industrial, quando a mesma ainda funcionava na Batista de Oliveira. Nesta época estavam implantando o Rádio Teatro.

*Salvaterra. Mas, a Prefeitura ou o Corpo de Bombeiros, proibiu os programas de auditório lá, porque as saídas eram poucas e estreitas, e em caso de incêndio, seria perigoso. Os programas de auditório passaram para o Cine Pálace e/ou a Casa D'Itália.* <sup>69</sup>

Nesta mesma época, Sérgio Mendes incorporou a *Rádio Industrial* à cadeia DIAL (*Rádio Difusora* e *Rádio Industrial*), criando uma filosofia de comunicação em Juiz de Fora. A *Rádio Difusora* implementou uma programação de música de qualidade, popular e clássica. O senhor Natalle fazia o programa *Chá das três*, com musicais, entrevistas e notícias. A *Rádio Industrial* apresentava uma programação mais variada. A base do departamento de jornalismo eram as notícias divulgadas pela *United Press*,

*capitadas através de telegrafistas que já versavam os sinais para a língua viva, numa máquina de escrever. Depois,*

---

<sup>69</sup> Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 18/05/1998, pelos Senhores Mário César Manzolilo de Moraes, genro do fundador da Joalheria Delanda, e de seu cunhado Fúlvio Marcos De Landa Júnior, e do senhor Natalle Chianello (Natálio Luz).

*passavam para o locutor que fazia o noticiário. Os programas políticos eram efervescentes. Eles mantinham um auto-falante voltado para a Halfeld e um placar na Praça João Pessoa: fomava uma multidão para ouvir e ler os resultados.* <sup>70</sup>

Um marco importante, do centro da cidade, foi a construção do templo da Igreja Metodista. A primeira capela foi construída no bairro Mariano Procópio, em 1891. Época em que iniciaram-se as aulas no Colégio Granbery e que foi fundado o Colégio Mineiro, só para uso feminino. <sup>71</sup> Ainda no bairro Mariano Procópio o templo foi aumentado várias vezes. Como a localização não era propícia nem aos brasileiros (residentes no centro da cidade) nem aos alemães que moravam no Morro da Gratidão (Glória), acharam [os metodistas] *por bem retornar para o centro.* <sup>72</sup> Dessa forma, os metodistas voltaram a reunir-se na rua da

---

<sup>70</sup> Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 20/05/1998, pelo senhor Natalle Chianello (Natálio Luz). Italiano, nascido em Paola, em 03/06/1931.

<sup>71</sup> Ver **Revista comemorativa do centenário do metodismo em Juiz de Fora**. Juiz de Fora, 1984. p. 31 a 34.

<sup>72</sup> Idem. p. 34.

Imperatriz (Marechal Deodoro) próximos à da Igreja de Santo Antônio.<sup>73</sup> O sobrado, que abrigou as primeiras reuniões, foi cenário de várias manifestações de desagrado por parte dos católicos. Ocorreu, inclusive, vários apedrejamentos. Um deles *quebrou quase todos os vidros da casa, sendo protagonista o padre Manoel de tal, que à frente de um batalhão de moleques (10) dirigia a batalha.*<sup>74</sup>

Contudo, foi necessário suportar e resistir à guerra estabelecida entre as duas religiões. Era uma questão de estratégia para difusão do metodismo *lançar a rede onde teria peixes a serem pescados.*<sup>75</sup> Ou seja, era no centro da cidade que os metodista teriam que se fazer presentes, dividindo o espaço com os católicos e ganhando vários adeptos. O estabelecimento de um templo, junto à praça central da cidade, era, antes de tudo, uma conquista espacial. Além disso, era uma maneira de se fazer presente no

---

<sup>73</sup> Conforme consta no histórico apresentado pela própria Igreja Metodista, o templo funcionava onde atualmente é o prédio dos Correios e Telegráfos.

<sup>74</sup> **Revista comemorativa do centenário do metodismo em Juiz de Fora.** op. cit., p. 25.

<sup>75</sup> Idem. p. 25. Ver também, CHRISTO, Maraliz de C. V. **Europa dos Pobres: a belle-époque mineira.** Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. p. 66.

cotidiano do coração do município.<sup>76</sup> Assim, construiu-se o terceiro templo, na rua Marechal Deodoro, onde permaneceu de 1900 a 1928 . A pedra fundamental do templo atual ocorreu em 1923, com a presença do vice-prefeito Eduardo Menezes Filho, o bispo Hoyt M. Dobbs e o Reverendo Long. O projeto do templo (**Marechal número 700**) foi executado pelo Sr. Wiley Clay e o encarregado Miguel Borelli.<sup>77</sup>

Pelos dados já expostos, é possível perceber como o coração da cidade pulsava em várias direções. Comportou, em seu interior, uma gama impressionante de diversidades seja no tocante ao comércio: sírios, libaneses, portugueses e italianos; seja em relação à religião, abrigando católicos e metodistas; seja na própria configuração arquitetônica, onde ainda resistem vários estilos. A partir do final do século passado ainda temos edificações de dois pavimentos, como é o caso da atual *Demano's* (**Halfeld número 711**), em estilo

---

<sup>76</sup> CHRISTO, Maraliz de C. V. op. cit.

<sup>77</sup> Ver **Revista comemorativa do centenário do metodismo em Juiz de Fora.** Juiz de Fora, 1984. p. 35 e 36. O custo total da obra foi orçado em mais de 500.000\$000 (quinhentos contos de réis).

eclético. Há, em Art Déco, parte da loja *Demano's* (**Halfeld número 699**) e o prédio onde funciona o *Banco Boa Vista* e o prédio do *Bob's* (**Halfeld número 675**, na Praça João Pessoa). Outro sobrado de dois pavimentos, um pouco mais acima, abriga a *Levis*, *Telemig*, *Drogaria Ramos de Araújo e Ótica Juiz de Fora* (**Halfeld números 792 e 798**).

Nesse mesmo espaço, o *Edifício SULACAP* (**Halfeld números 692 até 710**), já representa uma outra mentalidade, tanto de ocupação quanto de construção, marcando o início da própria verticalização na cidade, seguindo o padrão americano de arranha-céu. Propriedade do grupo da Sul América Seguros <sup>78</sup>, teve como arquiteto o italiano Roberto Capello. Formado ainda na Itália, Capello era um dos arquitetos que compunha a equipe da Sul-América, cujo padrão arquitetônico buscava, a exemplo dos prédios da Bahia <sup>79</sup> e do Rio de Janeiro <sup>80</sup>, entre outros, firmar um

---

<sup>78</sup> A SULACAP compunha um grupo de empresas: Sul América Capitalização, Sul América Seguros e a Sul América Seguros de vida. Financiou vários edifícios: capitalizava muito dinheiro e investia na construção civil. Primeiro, investiu na construção dos próprios prédios.

<sup>79</sup> “Edificações de uso público, como a Pupileira, a Estação de Hidroaviões, as secretarias de Segurança Pública e de Agricultura, e a Escola de Puericultura, e de uso

discurso de modernidade. Construído pela firma Pantaleone Arcuri, entre aproximadamente 1938 e 1939, segundo o Senhor Djalma P. Silva, funcionário aposentado da SULACAP, o uso de pilotis como alicerce, sobre camada de pedra no subsolo que desce do Morro do Imperador, representou uma inovação na construção civil da cidade. Foi um dos primeiros prédios mais altos de Juiz de Fora, construído também pela Pantaleone Arcuri, em 1930, na Av. Rio Branco. Embora o setor de prestação de serviços estivesse se desenvolvendo na cidade, sendo, inclusive, uma das alternativas ao declínio da indústria local, e se concentrando, no que diz respeito às profissões liberais, no

---

privado como os edifícios Brasil, Chadler, Dourado e **Sulacap**, entre outros residenciais ou comerciais, todos construídos na década de 30, juntamente com os três exemplos citados [Elevador Lacerda, 1929; Instituto do Cacau, 1933-36; Edifício Oceania, 1932-42] simbolizam a chegada do pensamento moderno da Bahia”. SUAREZ, Naia Alban. *Art Déco e moderno: conceitos que se confundem no ambiente progressista brasileiro*. In: **Art Déco na América Latina**; 1º Seminário internacional. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 1997, p. 218

<sup>80</sup>. Rua da Alfandega, 41, Centro, RJ. Projeto de Robert R. Prentice “Edifício de linhas sóbrias e elegantes, com volumetria externa definida pelo ritmo das aberturas: o grande número de janelas quase anula a presença das paredes externas. As fachadas são revestidas em mármore travertino e o acesso emoldurado por um pórtico em granito marrom é fechado por portões de caprichosa serralheria artística.” **Guia da Arquitetura Art Déco no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do



centro da cidade, ainda era de pequeno porte à verticalização que se propunha para a rua Halfeld. Desta forma, a partir do segundo andar, o edifício da SULACAP foi planejado como residencial. Conforme informações do Professor Artur Arcuri, *como o terreno ia até a Marechal Deodoro, Burle Marx fez um projeto de jardim para os fundos que não chegou a ser construído*. Anteriormente, funcionava naquele local o Cinema Pax (mudo com música ao vivo).<sup>81</sup>

Um ambiente também variado se apresenta na rua Marechal Deodoro, contudo, sem a mesma verticalização visível na Halfeld no período. Os prédios em estudo nesta parte da rua, entre a Av. Rio Branco e a Batista de Oliveira, são de dois pavimentos, originalmente com moradias no pavimento superior e comércio, ou pequenos negócios, no térreo. Chama a atenção, uma certa liberdade arquitetônica nesses edifícios, onde os construtores experimentam e mesclam repertórios diferentes, o que traz um grande significado à arquitetura da cidade. O prédio do *Café Apollo*

---

Rio de Janeiro, 1997. p.31. Pela descrição percebe-se fortes pontos de contacto entre os prédios do Rio de Janeiro e Juiz de Fora.

(**Marechal número 538**) apresenta um estilo eclético com ornatos característicos Art Nouveau. O prédio da *Arpel* (**Marechal, número 416 e 424**) e o da *Augusta Calçados* (**Marechal, número 348**), conjugam elementos ecléticos com Art Déco. Estes dois últimos foram construídos por José Abramo, em 1932 e 1934, respectivamente. José Abramo nasceu em 1900, em Dorrage, Itália. Foi comerciante de materiais de construção e construtor<sup>82</sup>. Mais uma vez, verifica-se a importância da imigração italiana para arquitetura da cidade. Em relação ao número 348 (Augusta Calçados)<sup>83</sup>, seu primeiro proprietário foi o senhor Luiz Francisco de Barros, cafeicultor que diversificou suas atividades investindo também no mercado imobiliário.<sup>84</sup> O segundo proprietário foi o senhor Eni Campos Barros.

---

<sup>81</sup> Consultoria: Professora Mestre Maraliz de C. Vieira Christo (UFJF).

<sup>82</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Salvo erro ou omissão**; gente juiz-forana. Juiz de Fora: ESDEVA, 1979. p.178.

<sup>83</sup> O engenheiro responsável foi o senhor Willy Janke. Processo 9549/49, DICOM (Departamento de Comunicação da Prefeitura de Juiz de Fora).

<sup>84</sup> Processo 9549/49 DICOM. Luiz Francisco de Barros – 1871-1965. “Natural de Eugenópolis – MG – Filho de Francisco Luiz de Barros e Januária da Fonseca Barros. Casada com Jovita de Campos Barros. Cafeicultor em São Manoel – MG – de onde se transferiu para Juiz de Fora. É titular de rua. Investidor imobiliário financeiro e acionário. PROCÓPIO FILHO, J. op. cit., p.224.

Posteriormente, em 1969, parte do imóvel foi vendido para Paulo Delmonte, cuja família dedica-se ao comércio de calçados, e parte para Célio Nunes Morais, perdendo o pavimento superior o seu caráter de moradia.<sup>85</sup> O imóvel, encontra-se em parte alterado, em virtude da construção de mais um andar, modificando o coroamento do prédio, antes com platibanda em Art Déco, e da retirada, a pouco tempo, de todos os ornamentos do lado direito.

No caso do imóvel da **Marechal, número 416 e 424**, ainda destaca-se a **Galeria Ítala**. Um espaço diverso àqueles estabelecidos na Halfeld, onde se encontra a primeira galeria construída na cidade, a *Pio X*. Conforme entrevista dos comerciantes, os senhores Nildo Tavares, Sebastião Garibaldi Pifano e Luarino Cortes de Carvalho, o movimento da **Ítala** reunia a população de várias camadas sociais e culturais. Proprietários da cantina *A Comerciária*, eles lembram que serviam refeição para médicos, advogados e dentistas. E, mais recentemente, para estudantes de cursinho, universitários e camelôs. *Toda espécie de cidadãos honrados*

---

<sup>85</sup> Processo 32260/67 DICOM

*que lutam para engrandecimento deste país. A cantina é pioneira do movimento que existe na Galeria, uma vez que atraiu o público.*<sup>86</sup> Para se ter uma idéia do movimento da Galeria, os senhores Nildo, Sebastião e Luarino contam que chegaram a servir em média 1200 refeições na década de 70. Outra proprietária, a senhora Maria Teresa Merhi Abi-Nasser, conta que sua loja, a *Fios e Máquinas*, realizava desfiles de roupas de lã, com manequins de fora. Os desfiles atraíam a atenção das pessoas que passavam na rua Marechal. Alguns aconteciam no Clube Sírio e Libanês e na Capela do Stela.<sup>87</sup> O prédio correspondente aos **números 402 a 406 da Marechal** (*Bom Paladar, Nissi Modas...*) representa um ótimo contraponto com os edifícios acima referidos, pela clareza de seu repertório Art Déco, revestido em pó de pedra.

---

<sup>86</sup> Conforme entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 23/05/98, pelos senhores Nildo Tavares, Sebastião Garibaldi Pifano e Luarino Cortes Carvalho. Proprietários da cantina *A Comerciária*. São todos funcionários aposentados dos correios. São sócios a 30 anos e amigos a 45.

<sup>87</sup> Conforme entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 23/05/98, pela senhora Maria Teresa Merhi Abi-Nasser. Proprietária da loja *Fios e Máquinas*, fundada no final da década de 60.

Todo o movimento e diversidade comercial da parte alta das ruas Halfeld e Marechal Deodoro, assim como o *glamour* flagrante da primeira, nos faz pensar uma história da cidade em conjunto, onde num espaço pequeno, é possível perceber épocas históricas bem marcadas. Assim como é possível perceber um uso lógico da ocupação bastante diferente em relação à parte baixa, alta e aquela situada bem próximo ao Morro do Imperador (como os casos do *Restaurante Astória*, rua **Gilberto de Alencar esquina com a Marechal** e, a casa de porão alto, **número 1071, na Halfeld**). O ponto a ser destacado é a perfeita viabilidade em preservar cada uma dessas épocas através das construções que lhe foram características, como verdadeiras *testemunhas de concreto* de nossa história.

## ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

### Introdução

Maria Julieta Nunes de Souza

Dentre os três fatores que Frederico Moura Rodrigues extrai da leitura de Gordon Cullen “(...) que qualificam as possibilidades de o meio ambiente urbano provocar reações emocionais” nos indivíduos, um deles refere-se à categoria *conteúdo do espaço*, definida como: “*A personalidade da cidade: seu estilo ou estilos; sua história, singularidade, cor, escala, textura.*”<sup>88</sup>

Gordon Cullen, urbanista e autor de um livro que serve de referência a toda uma geração de arquitetos e urbanistas<sup>89</sup>, chama atenção para a existência de uma “capacidade cênica” da cidade. Ele justifica a importância de

---

<sup>88</sup> Rodrigues, Frederico M de Moura. **Desenho Urbano, cabeça, campo e prancheta**. São Paulo: Projeto, 1986, p. 46. As outras duas são: - *a visão em série* (o pedestre que caminha a uma velocidade constante emociona-se pela revelação sucessiva de diferentes cenas urbanas.) e - *o espaço psicológico* (clausura e amplitude do espaço, com possíveis efeitos de identidade e simpatia.

<sup>89</sup> Cullen Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1990.

termos esse aspecto em conta, pois “*é através da visão que conhecemos e apreendemos seu espaço (da cidade).*”<sup>90</sup>

Focalizando o aspecto de *conjunto*, o efeito coletivo emanante do somatório de exemplares individuais das edificações, no contexto dos centros urbanos (ver anexo 1), o primeiro autor mostra, com propriedade, que

*(...) no caso singular de projetos urbanos em áreas centrais, é oportuno ressaltar sua vocação de “cenário de vida coletiva”, cuja linguagem cênica diferencia-se logicamente de outras áreas por maior necessidade de informar e dialogar com a coletividade no seu uso cotidiano. (...).*<sup>91</sup>

A passagem sintetiza com extrema simplicidade e pertinência o significado de certos conjuntos urbanos situados na área central de Juiz de Fora, como aquele formado pela rua Halfeld (incluindo o Parque Halfeld e a Igreja), assim como o existente na Rua Marechal Deodoro, o conjunto formado pela Praça Antonio Carlos etc, etc. Ao apresentar a cidade de Juiz de Fora a um forasteiro,

---

<sup>90</sup> Rodrigues, Frederico de Moura. op. cit., página 46

certamente nos reportamos a estes para situar o centro, para descrevê-lo, seja urbanística ou historicamente falando. São eles que apoiam o nosso discurso simplesmente por oferecerem ‘argumentos’, ‘motivos’ para a nossa narrativa.

Tais razões tem sua essência nos aspectos oferecidos pelas formas da arquitetura dos seus prédios, mas não vistas isoladamente, uma a uma, mas principalmente como configuradoras de uma “imagem cênica” que se descortina e serve de palco para vida cotidiana de seus habitantes, moradores destes, de outros bairros da cidade e quiçá de outras cidades da região.<sup>92</sup> Talvez nenhum outro conjunto da cidade lide com tantos atores e protagonistas como estes. Eles constituem-se como o próprio “cuore urbano”, o coração da cidade, expressão que empresta os significados de amor, pulsação, vitalidade. Um “*nó central*” no sentido entendido por Kevin Lynch.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> ibidem

<sup>92</sup> Sobre preservação do patrimônio ver SOUZA, Maria Julieta Nunes de. Preservação do Patrimônio Arquitetônico: uma trajetória. op. cit.

<sup>93</sup> O autor cria esta categoria para denominar cruzamentos de especial relevância para a cidade. Como característica particular destes locais, ele diz que “O essencial deste tipo de elemento é que ele seja distinto, um local *inesquecível*, a não ser confundido

Do ponto de vista urbanístico e arquitetônico, a importância do conjunto de edificações existentes nas ruas Halfeld e Marechal Deodoro, exemplares referentes ao período do ecletismo e Art Déco da arquitetura brasileira, não se limita apenas à excelência arquitetônica das fachadas, cuidadosamente trabalhadas por seus construtores. É sobretudo pelo efeito monumental produzido pelo seu conjunto, associado aos aspectos de localização na cidade, que evidencia-se no contexto histórico da área central da cidade.<sup>94</sup> A excepcional posição deste conjunto, como “elo de ligação” interligados a quatro outros conjuntos históricos - o da Praça da Estação e o da Praça Antônio Carlos, o do Largo do Riachuelo e o do Parque Halfeld - por si só, lhes confere especial atenção como um dos mais relevantes elementos estruturantes da malha urbana juizforana.

---

com nenhum outro” (grifo do autor) Lynch, Kevin, “**A imagem da cidade**”. Martins Fontes, 1980. , página 115.

<sup>94</sup> Segundo a Carta de Veneza, a noção de *monumento histórico* compreende a criação arquitetônica isolada bem como o sítio urbano ou rural, que dá testemunho a uma civilização particular, representante de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico; assim não se limita somente às grandes criações, estendendo-se, também às obras modestas que adquirem com o tempo uma significação cultural.

## **RUA HALFELD**

### **EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld, 675**

Uma das características marcantes da arquitetura juizforana é o tratamento monumental conferido aos prédios que são implantados nas esquinas. Eles podem ser considerados como “Cartão de Visitas” de suas respectivas ruas, despertando a curiosidade das pessoas que passam em relação ao que virá a seguir. Neste caso particular, o presente edifício, juntamente com o da esquina frontal, exerce uma função urbana que excede a curiosidade: ele prepara e induz o olhar dos passantes para uma das mais belas e importantes obras arquitetônicas da cidade, que é o Cine Teatro Central. Tal efeito de perspectiva aproxima o objeto-foco do olhar das pessoas e transforma o entorno em um “*nobre hall de entrada*”. A abordagem da arquitetura deste prédio isoladamente do seu contexto, como a seguir, deve-se tão

somente à obrigação definida pelo tratamento individual fixado pelos processos que se necessita instruir. Contudo, cabe mencionar que o aspecto cenográfico assume, neste caso, a máxima importância sendo o prédio em questão componente do conjunto que tem como protagonista principal um dos mais relevantes edifícios da cidade - o Cine Teatro Central.

A arquitetura desta edificação insere-se nas premissas do estilo Art Déco, apresentando-se em três pavimentos: o térreo, que abriga lojas comerciais (Bob's, Ingrid Jeans) e os superiores, divididos em salas comerciais e escritórios. Ocupa toda a extensão do lote, com planta retangular e paredes geminadas às dos edifícios vizinhos.

Segue divisão horizontal que pode ser comparada àquela das colunas clássicas, onde o pavimento térreo, com pilastras trabalhadas em planos superpostos, refere-se à base, dando ideia de solidez e segurança o segundo pavimento ao corpo e o coroamento do prédio ao capitel.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> (...)A composição arquitetônica objetivava, assim, dispor as diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular, tal como nas ordens arquitetônicas, se

Verticalmente, a fachada organiza-se em módulos de larguras distintas que se revezam na sua composição. Os módulos mais enfatizados apresentam:

- dois tipos de balcões: um entalado (onde percebe-se outro efeito de perspectiva que, aqui, utiliza o jogo de luz e sombra incidindo nas formas geométricas presentes em suas laterais) e um em balanço, com recortes no piso. Este último confere “mobilidade” à fachada, apresentando-se ora no 1º pavimento, ora no 2º, conformando uma espécie de “zigzag”, que dá movimento à fachada;
  - janelas tripartidas, com vãos laterais estreitos e vão central mais largo, esquadrias de madeira e caixilhos retangulares;
  - pilastras que os delimitam desde a base até o coroamento.
- No térreo apresenta planos superpostos que também “movimentam” a fachada;
- coroamento rebuscado, com recortes das formas e destaque central provocado por frisos verticais bastante largos.

---

*estabelecia o relacionamento proporcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.* In: ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva. **Petrópolis: arquitetura contextual.** Trabalho apresentado ao II Congresso de História da Arte, mimeo, s/d.

Pequenas mísulas se fazem presentes, reforçando a idéia de um coroamento suntuoso que necessita ser sustentado.

Os módulos mais discretos funcionam como elementos de “enchimento” e ligação sendo, assim, mais simplificados.<sup>96</sup> Apresentam balcões entalados e vãos únicos no primeiro pavimento e vãos cegos no segundo, esquadrias de madeira e coroamento em formas retas.

Na esquina, o painel é encurvado e mescla elementos dos módulos principais (mesmo tipo de aberturas e balcões entalados) e dos secundários (coroamento retilíneo).

Todo cuidado na utilização das formas composição e harmonia das proporções refletem uma arquitetura especialíssima que além de representar uma parte da história da cidade, tem como função, como já mencionado, ser o cenário urbano do espaço mágico em que se situa, onde grande parte dos eventos sociais e culturais da cidade acontecem.

---

<sup>96</sup> Suporte de pedra que sobressai do muro para sustentar balcões, estátuas, vigas, meias-colunas, etc

## **EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld, 692/698/704/710/720**

Com o advento da industrialização surgem novos materiais que permitirão aos arquitetos ganhar vantagens funcionais e plásticas até então inimagináveis. A utilização do ferro e posteriormente do concreto armado significaram ... *de fato, o reconhecimento do princípio de que a estrutura suporta todas as cargas do edifício independentemente das paredes.*<sup>97</sup>

Essas novas conquistas vão gerar movimentos de renovação artística e arquitetônica, levando a momentos de grande discussão e, concomitantemente, coexistência de modelos e/ou tendências diferentes no mesmo período de tempo. É o que acontece por volta dos anos 30, quando começa a surgir o modernismo. No Rio de Janeiro, por exemplo, foram construídos simultaneamente, os prédio do Ministério da Fazenda (projeto de Arquimedes Memória) e o prédio do Ministério da Educação (projeto de Lúcio Costa,

Oscar Niemeyer, Ernani Vasconcelos, Afonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira e Carlos Leão) dois exemplares de tendência eclética e modernista, respectivamente, sendo que o último substitui a monumentalidade das grandes escadarias, que o primeiro apresenta, pelo espaço democrático dos pilotis, onde o povo circula livremente .

Neste contexto de transição, cujas edificações se enquadram numa tendência denominada “proto-modernismo”, é que se insere a construção do prédio em questão.

O edifício é a segunda experiência em Juiz de Fora em termos de verticalização; possui um pavimento térreo com lojas e mais cinco andares com salas comerciais. Pode-se dizer que é uma expressão singular da tendência proto-moderna acima citada.

Trata-se de imóvel despojado, com volumetria externa definida pelo ritmo das aberturas, o grande número de janelas que quase anula a presença das paredes externas, e pela caixilharia monumental, de ferro e vidro, que,

percorrendo a altura de 4 pavimentos, marca a entrada do prédio e cria uma simetria na composição.

A fachada modulada apresenta elementos característicos da nova proposta que está surgindo, tais como: a grelha reticulada, que marca o uso do concreto armado; o despojamento, assim como a geometrização da ornamentação; as grandes janelas e as persianas externas de madeira.

O térreo é valorizado com a utilização do revestimento de granito sem polimento enquanto que, no restante da fachada, foi aplicada argamassa texturizada em tom amarelado.

Atravessando a porta de entrada do prédio, ingressa-se num grande hall que dá acesso aos elevadores e à escada interna. Esta escada circunda o hall, formando um prisma com altura de cinco pavimentos, sendo que uma de suas partes passa por sobre a porta de entrada. Ela é protegida por um guarda-corpo de alvenaria de 1,00 metro de altura e iluminada pela cortina de vidro da caixilharia, acima referida. Este exemplo é encontrado nos prédios do

---

<sup>97</sup> Santos, Paulo F. A arquitetura da sociedade industrial. **Habitat**, n. 20, out. 1974.



Ministério da Fazenda e do Trabalho na cidade do Rio de Janeiro, excetuando o tratamento da caixilharia.

Finalmente, o edifício insere-se num contexto urbano onde se destaca mais de um século da história da arquitetura juizforana, com exemplares ecléticos, Art Déco, modernistas e de transição entre tais estilos. A arquitetura de sua fachada e os aspectos salientados da disposição de seus espaços internos, o revelam como exemplar único no contexto da cidade de Juiz de Fora. Trata-se, portanto, de um rico conjunto arquitetônico de importância para revelação da história dos que nela vivem e viveram.

### **EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld, 695**

A edificação em tela compõe-se por dois pavimentos, ambos ocupados, atualmente, pelo Banco Boa Vista. Implanta-se em toda a extensão do lote, possui planta retangular e paredes geminadas às das construções vizinhas.

Apresenta características formais próprias do estilo Art Déco.

Encontra-se aqui uma das características que marcam os sobrados e edifícios da cidade, tal que sua divisão horizontal encontra correspondência à das ordens arquitetônicas: o térreo refere-se à base da coluna, sólida e segura, o segundo pavimento ao corpo e o coroamento do prédio ao capitel.<sup>98</sup> A entrada principal do edifício situa-se no painel encurvado da esquina.

Suas fachadas estão organizadas em módulos de três larguras distintas; os módulos mais largos apresentam:

- . balcões entalados, onde se percebe efeito de perspectiva que aqui, utiliza o jogo de luz e sombra incidindo nas formas geométricas presentes nas laterais do mesmo;
- . três janelas com vãos de mesma dimensão, esquadrias de madeira com caixilhos retangulares, sobrepostas por pingadeira continua;

---

<sup>98</sup> “(...) A composição arquitetônica objetivava, assim, dispor as diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular, tal como nas ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento proporcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.” ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva, op. cit.

. platibanda linear com peitoril levemente saliente.

Os módulos de tamanho médio, similares aos do prédio de número 675, descrito acima, possuem:

. balcões em balanço com recortes no piso, vazados por serralheria caprichosa, trabalhada em ferro forjado;

. janela tripartida, com vãos laterais estreitos e vão central mais largo, esquadrias de madeiras e caixilhos retangulares;

. pilastras que delimitam o tramo, desde a base até o coroamento da edificação, assim como no térreo, apresentando planos superpostos provocando certa mobilidade à fachada;

. coroamento rebuscado, com recortes de formas verticais e destaque no ponto central, feito por frisos verticais bastante largos.

. os dois últimos elementos descritos, conformam um único conjunto que emoldura as janelas, salientando-se do plano da fachada e evidenciando, com isso, estes tramos no conjunto da fachada.

Finalmente, analisando-se o módulo mais estreito, nota-se que funciona como elemento de “enchimento” e

ligação, o que explica seu tratamento mais simplificado. Além do balcão entalado (com o mesmo tratamento para a perspectiva), possui uma única janela com esquadria de madeira sobreposta por dentes de massa em 45° e coroamento em linha reta.

A inserção de novos elementos no térreo – os tijolos de vidro (típicos da fase Art Déco), as esquadrias e os toldos – não comprometem a integridade do conjunto. Pelo contrário, demonstra que a reabilitação de edifícios no sentido de sua adaptação a novos contextos é a melhor maneira de aliar-se “necessidade” à “preservação”.

Todo cuidado na utilização das formas e na composição harmônica das proporções resultam em arquitetura muito especial, que além de representar uma parte da história da cidade, tem como função ser o cenário urbano do espaço “mágico” em que se situa, onde a maioria dos eventos sociais e culturais acontecem.

**EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld, 711/715**

Este prédio, cuja construção data do início do século, está implantado “ombro a ombro” com as edificações vizinhas. Seu alinhamento é remanescente do período colonial, com a edificação disposta sobre a divisa do lote, junto à via pública, aproveitando toda a testada e contribuindo para delinear o traçado da rua.

A edificação é composta de elementos formais característicos da fase eclética, abordados mais abaixo. O prédio apresenta uma curiosidade: um anexo no pavimento superior, à esquerda, que se constitui num trecho da construção vizinha (que é Art Déco). Este elemento encontra-se de tal modo integrado ao conjunto da edificação, que só a partir de uma observação mais atenta é possível notar essa incorporação.

Nota-se que a fachada segue uma linguagem muito usual nos exemplares da fase do ecletismo, que é a divisão vertical da fachada em três segmentos, com valorização do tramo central, que funciona como eixo de simetria, ladeado por duas pequenas alas laterais.

O tramo central destaca-se do conjunto da fachada. Uma pequena saliência que apresenta, em relação ao plano da fachada e os balcões, reforçam a idéia de volume.<sup>99</sup> O balcão, com guarda-corpo de ferro fundido trabalhado, com motivo que lembra certos símbolos romanos, apoia-se sobre três modilhões e garante duas portas-janelas de madeira e vidros, com vergas em semi arco abatido e sobreverga retilínea perfilada. As portas são circundadas por molduras.

As alas laterais têm balcões de alvenaria e massa, retilíneo, apoiado sobre dois modilhões. Os balcões abrigam janelas rasgadas de madeira e vidro com verga retilínea marcada com um ornato em forma de folha.

O entablamento possui friso perfilado e cornija volumosa e bastante perfilada sendo curva no painel central, com volutas nas extremidades. Mísulas imitando chapas de ferro pendem com elementos decorativos que lembram

---

<sup>99</sup> “(...) nas fachadas ecléticas de implantação tradicional, sente-se que o gosto evolui numa tentativa de quebrar o tratamento bidimensional da fachada, através do uso de ornatos salientes, balcões volumosos ou ressaltos de um tramo da fachada.”  
PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. *Estudo arquitetônico do Saara*. p. 03, s/d mimeo.

pesadas correntes, tendo na ponta um ornamento heráldico em forma de flor-de-lis. A platibanda retilínea, cega e segmentada é arrematada por frontão curvo com volutas, decorado com motivos florais.

O tramo à direita do segmento central possui uma janela de peito com verga em arco pleno, sobreverga retilínea perfilada. Nota-se, entre estas, um ornato de enchimento em forma folhas de acanto em cascata, que acompanha o desenho da verga. O entablamento possui cornija volumosa e perfilada como a do segmento central. Arrematando esta parte da fachada há uma platibanda cega, segmentada e com cártula. Na altura do eixo, sobre esta, situa-se um frontão curvo com ornatos de motivos florais.

No tramo à esquerda há uma ala que, como anteriormente dito, segue o estilo Art Déco, pois compõe o prédio vizinho. Observa-se nele, a mesma composição do tramo central, sendo o eixo central valorizado com balcão de alvenaria com trabalho em serralheria que garante uma porta-janela com verga retilínea, ladeada por alas com

janelas de peito. A platibanda é cega e retilínea com pequeno corpo saliente no centro.

A riqueza de elementos típicos da fase eclética existentes nessa edificação, testemunhada pela descrição acima, atesta sua relevância como importante exemplar dessa tendência da arquitetura, já bastante rara em Juiz de Fora.

### **EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld 734**

Segundo Gustavo Abdalla<sup>100</sup>, além dois traçados de racionalidade ortogonal da linha gerada pela Av. Rio Branco - e suas perpendiculares e paralelas (do Morro do Imperador até a margem direita do Rio Paraibuna) - que entrecruzam com a racionalidade viária e sanitária da Av. Getúlio Vargas, da linha da MRS (RFFSA), da Av. Brasil e do córrego da Independência, existe uma terceira questão que concorre no desenho urbano da cidade de Juiz de Fora: o conjunto de

“Edifícios-Galerias”, que disputam uma hegemonia própria em relação às outras formas de ocupação do *novo urbano* de Juiz de Fora.

As palavras de Gustavo Abdalla, reproduzidas a seguir, mostram a importância das galerias na conformação da estrutura urbana da cidade:

*Estas galerias diferem fundamentalmente dos grandes e pequenos empreendimentos públicos e privados pelas características de ação localizada e de recursos particulares em prédios urbanos (...) quando nos damos conta da existência de mais de quarenta passagens desse tipo no triângulo central, notamos sua particularidade no contexto urbano, tanto ao nível do desenho e da arquitetura, quanto das relações arquitetônico-urbanísticas. (...) diferentemente de uma preservação física para qual já está contribuindo, este é um caso de preservação espacial, espaço este que conta a história da cidade e que estabelece um cotidiano urbano, uma*

---

<sup>100</sup> ABDALLA, José Gustavo Francis. A apresentação do patrimônio histórico Mineiro do Sec. XIX passa por Juiz de Fora. **Tribuna de Minas**, 28 de abril de 1996. Patrimônio Cultural. Juiz de Fora: EDUFJF, Encarte leitura nº.8

*qualidade urbana de vida, de relações sociais e de paisagem humanizada. 101*

A Galeria Pio X possui quatro ou cinco pavimentos divididos em lojas, escritórios, consultórios e residências. De planta retangular, ergue-se sobre as divisas do terreno, tendo suas paredes laterais geminadas às dos edifícios vizinhos.

Verticalmente, sua fachada dividi-se em três segmentos: dois laterais interiores e um central que, originalmente, possuía pé-direito duplo. Recentemente, parte do segundo pavimento recebeu acréscimo no piso central o que, não interferiu em seus caracteres originais, mas, ao contrário, mostra-se como um exemplo de que pode-se adaptar edifícios a novos contextos urbanos e funcionais.<sup>102</sup>

A edificação apresenta duas fachadas, voltadas respectivamente para as ruas Halfeld e Marechal Deodoro, possuindo, cada qual, características formais próprias:

- Fachada voltada para a rua Halfeld :

---

<sup>101</sup> Op. cit., p. 6 e 7.

<sup>102</sup> Houve, no caso, uma feliz ampliação do setor comercial, desejada por seus proprietários.

- influência da arquitetura modernista, que pregava a ausência de elementos decorativos e a racionalização das formas, obedecendo a um princípio que denominou-se “purismo”;<sup>103</sup>

- formas marcadas por jogo de volumes com avanços e recuos com relação ao plano da fachada;

- eixo principal de simetria no centro da edificação;

- esta fachada é dividida em três segmentos:

. dois tramos laterais que, por sua vez, se subdividem em três: dois laterais mais estreitos (que seguem o alinhamento da fachada) e um central, mais largo e salientado em relação aos anteriores.

. um tramo central, com pé direito duplo no térreo e primeiro pavimento e um corpo que avança em balanço sobre as esquinas chanfradas, ocupando os três pavimentos restantes.

Recebe tratamento encurvado nas esquinas e é “sustentado” por pilares misulados. Este tramo enfatiza a verticalidade e

---

<sup>103</sup> Como o nome expressa, este princípio pregava a tradução dos elementos das edificações à suas formas mais puras, através de sua redução às figuras geométricas elementares, como triângulos, retângulos, logangos e prismas.

magnitude do prédio, impressionando os olhares mais atentos com sua tamanha leveza e suntuosidade.

- esta fachada é revestida em pó-de-pedra monocromática.

- são utilizadas esquadrias próprias do modernismo de ferro e vidro, denominadas janelas-basculantes;

- observa-se a presença de marquises de lajes sustentadas por vigas que sugerem dedos, como se o edifício estivesse apoiado nos braços de alguém.

• Fachada voltada à rua Marechal Deodoro:

- mostra influência do estilo Art. Déco, com acentuada utilização de linhas verticais, que ampliam sua perspectiva e monumentalidade e reforçam a ascendência dos planos;

- apresenta eixo principal de simetria, situado no centro da edificação;

- é dividida em três segmentos:

. dois tramos laterais, subdivididos em três painéis limitados por pilastras lisas que se estendem até a platibanda.

O coroamento é marcado por faixas largas e estreitas, que definem seu recorte em altos e baixos. As janelas rasgadas do

primeiro pavimento recebem balcões vazados com um interessante trabalho de serralheira em ferro forjado. As esquadrias deste e do segundo pavimento são de madeira, enquanto as do terceiro já apresentam a influência modernista na utilização das janelas basculantes.

. um tramo central, com pé-direito duplo no térreo e primeiro pavimento e um corpo que avança em balanço sobre esquinas chanfradas, ocupando os dois pavimentos restantes. Seis balcões encurvados com parapeitos em tubos de ferro <sup>104</sup>, dão acabamentos às quinas. Nota-se aqui a presença do Bay Windows <sup>105</sup> que recebem recortes geométricos em seus vãos frontais do último andar. A preocupação com os detalhes faz-se constante, como nas formas geométricas dos pilares misulados <sup>106</sup>, nos desenhos geométricos divergentes da laje em balanço, na utilização de vãos de tamanhos

---

<sup>104</sup> Este tipo de parapeito foi empregado tipicamente, na fase art deco, em exemplares no Brasil e no mundo.

<sup>105</sup> Denomina-se Bay Windows o avançado de uma parte da fachada do restante do painel ou aproveitamento de quinas, permitindo a obtenção de janelas laterais em ângulo, que possibilitam duas ou mais entradas de ar, transformando uma janela única em duas ou três.

<sup>106</sup> Denomina-se *mísula*: pedra que sobressai do muro para sustentar balcões, estátuas, vigas, meias colunas, etc.

variados e no coroamento, marcado pelo geometrismo de formas ascensional bastante largas.

- a fachada é revestida com pó-de-pedra em duas colorações, acinzentada e avermelhada;

- assim como a fachada anteriormente descrita, esta exprime grande imponência e leveza, constituindo-se uma das mais belas composições Art Déco de Juiz de Fora.

Pelos elementos acima destacados, nota-se que a presente construção demonstra sua importância no contexto histórico e urbano da cidade duplamente, em primeiro lugar, em razão de nela estarem presentes duas fases da arquitetura brasileira – o Art Déco e o modernismo – e, em segundo, por constituir-se numa “galeria” elemento estruturante do desenho urbano da área central de Juiz de Fora e singular no contexto nacional.

## **EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld, 792/798/804**

A edificação, cuja construção data do início do século,

está implantada “ombro a ombro” com as construções vizinhas e tem toda a testada alinhada à via pública, auxiliando na definição do traçado da rua.

A arquitetura desta edificação apresenta características da tendência neocolonial da fase eclética, do chamado ‘período romântico’. A composição prima pela horizontalidade, apresentando seqüência harmônica e ritmada de janelas rasgadas, com vergas em arco pleno.

A fachada é simétrica e sua parte central é enfatizada por um frontão ornamental. Possui três painéis delimitados por pilastras salientes, coroadas por capitéis ‘compósitos’, sendo que, no tramo central, encontram-se seis sacadas com guarda-corpo em ferro fundido trabalhado, com pequeno ressalto que repousa sobre friso perfilado que atravessa toda base do primeiro pavimento. Nos painéis laterais aparece uma sacada com o mesmo tipo de guarda-corpo.

As janelas rasgadas, de madeira e vidro, apresentam molduras perfiladas com ombreiras encimadas por pequenos capitéis estilizados que, por sua vez, possuem função de apoio à verga em arco pleno. Elas possuem, também,

sobrevergas decoradas com elementos de motivos florais.

A construção tem o entablamento com todos os componentes clássicos: arquitrave com friso e cornija. A cornija é volumosa e perfilada com ligeiro ressalto nas extremidades e nos alinhamentos dos pilares está sustentada por seqüência ritmada de mísulas, sendo arrematada por telhas francesas.

A platibanda é retilínea, ricamente ornamentada e coberta com telhas francesas. É encimada por frontão decorado que, por sua vez, alinha-se com as duas portas centrais. A edificação destaca-se das demais do seu período de construção, pelos elementos românticos que apresenta.

### **EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld 1071**

A edificação em questão é térrea e destina-se exclusivamente ao uso residencial. Constitui-se num exemplar da arquitetura eclética, apresentando os elementos



típicos, referidos por Nestor Goulart dos Reis Filho <sup>107</sup>, cujo caracteres estruturais a destacar são: implantação no alinhamento da rua, com afastamentos lateral e posterior, por onde são feitos os acessos e ‘porão alto’, que sobressai em sua fachada.

Apesar da inovação na implantação, este construtor manteve alguns conceitos herdados do período colonial, que se mostram no tratamento estético apenas da fachada frontal.

A fachada é bipartida com tratamento decorativo diferenciado de um dos lados, evidenciado pela ornamentação. O tramo principal recebe duas janelas em arco abatido, geminadas, separadas por uma pequena coluna com capitel ornamentado.

---

<sup>107</sup> Nestor Goulart dos Reis Filho aponta este tipo de implantação como característico das edificações datadas da segunda metade do século XIX. Segundo ele, com inspiração do ecletismo e apoio dos hábitos diferenciados das massas imigradas, aparecem as primeiras residências urbanas com uma nova implantação, modificando os tipos de lotes e construções. Estas foram se implantando com recuo lateral, conservando o alinhamento da via pública, depois recuaram as duas laterais, por onde eram feitos os acessos principal, que normalmente ocorria por meio de uma escada com três ou quatro degraus que levavam a área social da morada, e o secundário, recebendo um tratamento mais singelo pois fazia a ligação com a áreas de serviço e atendia somente aos empregados. **REIS FILHO**, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

Abaixo das janelas, aparece uma ornamentação única em forma curva e elementos decorativos de sustentação. As janelas são encimadas por friso dentado que, por sua vez, recebe na parte superior, elemento ornamental em formas curvas, que convergem para um ponto central constituído por um medalhão de reduzido tamanho. O ornamento em arco, evidencia-se no sentido ascendente, provocando curvatura na cornija, nesta parte da fachada.

O tramo é delimitado por pilastras ressaltadas com ornatos de enchimento na base e pendentes no corpo, chegando até o fim da platibanda com encabeçamento em pináculos de ferro. O referido tramo recebe um frontão bastante ornamentado, evidenciando-se um ponto central que é coroado com um medalhão, onde se vê uma guirlanda pendente na parte inferior e a inscrição *1917*, possível ano de construção do prédio. Os elementos descritos destacam este tramo da fachada.

O outro tramo, de menor peso estético, possui dois vãos em arco abatido com friso dentado contínuo e chave de fecho, arrematados por uma ornamentação de balcão

entalado em formas curvas, porém com tratamento individualizado. Há duas faixas horizontais e contínuas, de ornamentação, na altura dos arcos e no terço inferior do vão. Neste tramo, a cornija é perfilada e retilínea e a platibanda vazada por balaustres em massa. Todas as janelas possuem bandeiras com esquadrias, bem desenhadas, originais da época, em madeira e vidro.

O porão alto era utilizado por permitir, simultaneamente, elevação do pavimento térreo e oferecer maior conforto ao seu ambiente.<sup>108</sup> A parte relativa ao porão, na fachada, possui um tratamento de revestimento diferenciado: a faixa mais inferior apresenta revestimento de proteção (chapisco) e na parte superior, argamassa. Esta última é, também, rasgada por dois vãos, onde provavelmente existiram óculos.

---

<sup>108</sup>A casa de porão alto foi uma solução da época que proporcionou uma altura discreta à casa, permitindo, simultaneamente, a proteção da intimidade dos ambientes do térreo e o aproveitamento dos porões para o alojamento de locais de serviço e empregados, que a esta altura se constituíam de mão de obra da massa imigrada. Esta solução possibilitava, também, certa visibilidade de transeuntes, dos ambientes internos da residência, que eram cuidadosamente decorados com móveis e utensílios importados, pela elite preocupada em mostrar nível econômico e social.

Como pode se verificar pela descrição acima, a edificação é rica em elementos típicos da época de sua construção, mantendo muitas das características originais remanescentes.

## **RUA MARECHAL DEODORO**

### **Rua Marechal Deodoro Nº. 344/348**

A presente edificação compõe-se de três pavimentos, utilizados para fins comerciais (Lojas Augusta e Magic Center). Implanta-se sobre as divisas do terreno, sem apresentar afastamentos laterais. Os elementos formais identificados neste prédio demonstram que sua arquitetura se enquadra, principalmente, nas premissas do Art. Déco mas que, também, utiliza elementos do estilo anterior – o eclético – revelando-se como uma arquitetura de transição.

O cuidado formal, a harmonia das proporções e a utilização de elementos ornamentais ascendentes e descendentes merecem observação atenta e estudo mais aprofundado, cujo tema enfatize o reflexo do processo de transição mencionado, na realidade específica da arquitetura de Juiz de Fora. O edifício em questão, importante exemplar remanescente da fase referida, certamente seria uma das bases para o preferido estudo, pois sua fachada, como se poderá verificar pela descrição abaixo, permite a leitura de diversos aspectos característicos desta fase.

Os ornatos existentes na fachada são utilizados de tal maneira que provocam uma constante vibração dos planos. O comprometimento de parte da sua fachada com recente reforma, não impede a constatação da existência, originalmente, de dois eixos de simetria (principal, no centro, e secundários, nas laterais), que ocorre com frequência no gosto deco. Observa-se, ainda, um tratamento planimétrico o que, nas construções deco de alguns anos mais tarde, tornaria-se fato raro, tendo em vista que uma das

características principais deste estilo é a presença de recortes, recuos e avanços e os altos e baixos.

Atualmente sua fachada dividi-se em dois segmentos modulados compostos da seguinte maneira:

Um tramo lateral com:

- janela tripartida, sendo a central rasgada e mais larga e as duas laterais de peitoril, mais estreitas; seus caixilhos são geométricos, apresentando-se em formas variadas.

- balcão chanfrado, em balanço, sustentado por modilhões simplificados e com retângulos cegos (preenchidos por massa) que fazem referência às áreas vazadas que, geralmente, recebem trabalho em ferro;

- ornatos que sugerem platibanda eclética: volutas estabilizadas, palmeta, linhas retas e curvas.

- ornatos que sugerem decoração Art Déco: faixas verticais e horizontais, frisos e elemento geométrico (como uma pirâmide invertida) que, ao mesmo tempo, “apoia” o terceiro pavimento e desdobra-se na moldura que envolve as janelas.

Um tramo central com:

- uma janela bipartida, com um vão largo e outro estreito. Como os outros caixilhos esses, também, são geométricos e de diversas dimensões;

- seqüência de arcos marcados por frisos em relevo;

- pingadeira inteiriça sobre a janela substituindo o destaque dado pela moldura que aqui, não foi utilizada.

Provavelmente o terceiro pavimento é uma construção posterior à original e mais simplificada mas que, ainda assim faz parte do edifício e é responsável por apresentar mais uma etapa de sua história. Um acréscimo, seja ele feito por uma nova construção ou pela inserção de elementos decorativos de “modernização” pode ser considerado como de importância e significação quando constitui-se como referência fundamental na contextualização histórica do edifício no conjunto arquitetônico ou em si mesmo. A harmonia e o respeito para com o entorno constituem a base desta significação.

Sem dúvida nenhuma, este é um exemplo de criatividade e de técnica, que demonstra a habilidade e a sensibilidade de seus construtores. É peça singular de um

conjunto também singular que é o centro da cidade de Juiz de Fora: uma escola “viva” de arquitetura e arte. Transcrevemos, a seguir as palavras de Carlos Antônio Brandão, que ilustram com especial sentido a necessidade de valorização de exemplares imobiliários, mobiliários e/ou outros, capazes de revelar para as atuais e futuras gerações um pouco da nossa história, assim como a de nossos ancestrais :

*Não tem sentido livrarmo-nos do passado para pensar apenas no futuro. Até o fato de nisto se acreditar já é uma ilusão perigosa. A oposição entre o futuro e o passado é absurda. O futuro não nos trazia nada, não nos dá nada; somos nós que, para construí-lo, temos de dar-lhe tudo, dar-lhe até nossa vida. Mas para dar, é necessário possuir; e nós não possuímos outra vida, outro sangue, além dos tesouros herdados do passado e dirigidos, assimilados, recriados por nós. Entre todas as exigências da alma humana, nenhuma é mais vital que a do passado.*<sup>109</sup>

---

<sup>109</sup> WEIL, Simone. **A primeira raiz**. 1949

## **EDIFICAÇÃO: Rua Marechal Deodoro nº.**

**396/400/402/406**

O edifício em questão apresenta-se em dois pavimentos destinados para fins comerciais: o térreo abrigando as lojas Citycol e Nissi e o superior, o restaurante Bom Paladar.

Apresenta composição baseada nas características Art Déco, sendo marcado pela simetria, e ênfase na verticalização, fatos bastante comuns nas construções do mesmo período na cidade. Implanta-se no alinhamento da via pública, erguendo-se com um pequeno recuo em seu lado esquerdo, onde existe um “beco” de passagens para as lojas situadas nos fundos do terreno.

Verticalmente, a fachada dividi-se em quatro segmentos, sendo composta de:

- dois tramos laterais, nas extremidades do prédio, que são estreitos e apresentam janela única conhecida como *janela*

*avental*<sup>110</sup>, com esquadrias de madeira e desenhos geométricos, com vidros. Possui bandeiras com trabalho do ferro forjado em forma de x sobre as portas do térreo;

- dois tramos centrais, bem largos, destacados por balcões vazados em balanço e encurvados nas quinas. Possuem, cada um, duas janelas laterais de “peito” e uma janela central rasgada, que permite o acesso aos balcões. Aqui, também utilizou-se esquadrias de madeira com vidros coloridos.

Apesar de acentuada horizontalidade (devido à largura do lote), a utilização das linhas verticais no jogo de volumes em altos e baixos, nesta fachada que poderíamos chamar de “plissada”, amplia a perspectiva do edifício, dando idéia de ascendência e magnitude.

Na parte superior do prédio, bem ao gosto deco, esses elementos verticais se precipitam descolando do restante do volume da fachada, como que se dirigissem aos céus. Estes são traços característicos das construções Art Déco no Brasil, presentes neste exemplar, assim como a utilização de pó de

pedra como material de revestimento das fachadas, representado, neste exemplo em duas cores, acinzentado e avermelhado. O uso deste material simbolizou, à época, domínio sobre os avanços da tecnologia da construção.

A importância e suntuosidade da arquitetura expressa na fachada dos prédios, passou a constituir-se em uma das maneiras preferidas de construtores e lojistas atraírem clientes aos seus produtos, vencendo a concorrência cada vez mais acirrada, pelo crescimento do número de lojas e sua aglomeração. A arquitetura do edifício era análoga à atual ‘marca’ do produto, símbolo que remete à sua qualidade (e modernidade). Esse é um típico exemplo desse interessante “marketing” arquitetônico.

Apresentando bom estado de conservação, pela riqueza de elementos típicos da tendência Art Déco existentes, a edificação avaliada mostra-se como de relevância no contexto juizforano deste estilo, representado por reduzidos exemplares ainda existentes na cidade .

---

<sup>110</sup> Assim chamada devido aos detalhes utilizado sob o peitoril originados de tratamentos empregados em edifícios portugueses do Século XVII e alguns presentes

## **EDIFICAÇÃO: Rua Marechal Deodoro 416/424**

O prédio em tela é implantado nos limites do terreno, em dois pavimentos, inicialmente com uso de moradia no segundo pavimento e comércio no primeiro. Os traços morfológicos de sua arquitetura revelam características típicas da fase do ecletismo brasileiro, ressaltadas a seguir.

A fachada é do tipo ‘espelhada’<sup>111</sup>, sendo que cada qual dos seus dois tramos simétricos, divide-se em dois painéis que apresentam elementos diferenciados. Os das extremidades, recebem um vão, preenchido por janela bipartida, com verga retilínea e ornatos florais em ressaltado, encimados por ornato de um retângulo em baixo relêvo. Essas janelas possuem balcões entalados formados por ‘ornatos de enchimento’. Estes tramos laterais são emoldurados por duas pilastras encimadas pela cornija

---

em Salvador.

<sup>111</sup> Denomina-se assim as fachadas que repetem elementos ornamentais e estruturais, simetricamente em relação a um eixo localizado no centro, dividindo-a em dois painéis semelhantes.

perfilada e platibanda composta por uma faixa plissada (com elementos verticais), coroada por um arco pleno, ladeado por pináculos na altura (e em continuidade a estas) às referidas pilastras. No centro do arco há um ornato que representando uma espécie de pinha, hoje destacada pela cor avermelhada.

Os dois tramos centrais, cujo somatório destaca a parte central da fachada dos tramos laterais, possuem um janelão tripartido com verga em arco pleno guarnecido por balcão sacado em alvenaria vazada com quadros em gradil de ferro. Na parte inferior, estes balcões são arrematados por elementos escalonados <sup>112</sup>, indicando sua suposta sustentação. Os três panos da janela estão divididos por pilares largos e pesados, que são indicados também nas ombreiras e no arco superior, emoldurando o conjunto formado pelas janelas. Na altura do início do arco aparece uma faixa horizontal, que corta todo o corpo formado por estes dois tramos centrais, com ornamentação em flores ressaltadas, hoje ressaltada pela cor em tom avermelhado.

Assim como os laterais, estes dois tramos são emoldurados por pilastras sem ornamentação, que se precipitam para além da platibanda, conformando capitéis em formas geométricas, marcando certa verticalidade. O painel central, formado por estes dois tramos, recebe cornija retilínea perfilada, em continuidade às dos tramos laterais, encimadas por dois frontões retangulares simétricos, situados bem ao centro dos tramos e, portanto sobre os vãos centrais das janelas. Estes frontões possuem ornatus em guirlanda, muito utilizados como elemento decorativo de fachadas à época, que encontram-se, hoje, evidenciados pela coloração avermelhada de sua pintura. O painel central recebe um trabalho de textura, indicando tijolos.

Como já referido, o conjunto de elementos que formam a platibanda coroam este prédio com uma sucessão de elementos curvilíneos (nas laterais) e retilíneos (nos tramos centrais), apresentando grande diversidade de formas ornamentais típicas das construções da época.

---

<sup>112</sup> Em forma de pirâmide ‘ao contrário’, muito utilizada em certa época.

Elemento singular deste prédio é a ausência de centralidade no coroamento, cujo elemento central - um capitel da pilastra que atravessa toda a extensão vertical da fachada - ocupa posição secundária de importância, tendo em vista o frontões à sua esquerda e direita respectivamente, que roubam a atenção. Isto se deve ao partido arquitetônico adotado, marcado pelo opção do ‘espelhamento’ de tramos, a partir de um eixo central, muito praticado na fase posterior, na tendência Art Déco.

No pavimento térreo, aparece a composição do pavimento superior, já descrita, com dois grandes vãos centrais para comércio e, nas extremidades portas com vidro e madeira trabalhada, que dão acesso ao segundo pavimento, indicando que inicialmente a edificação abrigava, provavelmente, duas moradas espelhadas. O pavimento térreo abriga, também o acesso à “Galeria Ítala”.

No entablamento, há bandeiras de ferro e vidro para antiga ventilação do comércio divididas por mísulas escalonadas, onde se apoiam os balcões. Estas “ventilações” acompanham o ritmo de composição do restante da

fachada, possuindo elementos retangulares, sobre os vãos laterais mencionados no início deste texto, e quatro elementos retangulares ( com canto chanfrado), organizados dois a dois, sobre cada um dos tramos centrais da fachada.

O prédio encontra-se em bom estado de conservação sendo, como pode ser aferido pela descrição acima, um excelente exemplo ilustrativo de sua época de construção pela variedade de elementos remanescentes que apresenta em sua fachada.

#### **EDIFICAÇÃO: Rua Marechal Deodoro 538/546**

O prédio avaliado possui dois pavimentos e encontra-se implantado nos limites do terreno. Sua disposição espacial sugere que abrigava, originalmente, uso comercial no pavimento térreo e residencial no superior. Apresenta características formais nitidamente do período eclético, descritas a seguir.

A fachada se divide em três tramos: os laterais, que são espelhados e o central que se destaca no conjunto da fachada, marcando a centralidade. A ligação dos três tramos é feita



pelo balcão, em balanço e de balaustrada, comum a todas as janelas. Cada um dos três painéis recebe duas janelas rasgadas, todas iguais, geminadas com bandeiras e esquadrias de madeira e vidro. Cada conjunto de duas janelas é separado por pilastras com capitéis trabalhados, que aparecem também, nas duas extremidades laterais do prédio, perfazendo sendo, ao todo, o número de quatro. Estas pilastras, atravessam a cornija e prosseguem até a platibanda, de onde sobressaem.

O entablamento dos painéis laterais é feito com ornatos em forma retangular enquanto o do painel central é ornamentado com fitas, flores e fecho de chave, que preenchem o espaço resultante do arco formado pela cornija, encurvada na parte central. Este arco auxilia na ênfase proposital ao vão central da fachada. A cornija é perfilada e mostra uma fileira de telhas na sua parte superior.

A platibanda acompanha a composição. Em algumas partes aparece a curvatura, sendo mais acentuada na parte central que termina em volutas. Na altura dos tramos laterais,

a platibanda apresenta curvatura menos acentuada que na parte central e apliques em formas de fitas e flores.

Na parte térrea da edificação há dois grandes vãos destinados às lojas acessos e suas vitrines, assim como uma entrada lateral permitindo acesso ao segundo pavimento.

A edificação encontra-se em ótimo estado de conservação, permitindo a observação de detalhes ornamentais usuais na decoração de fachadas de prédios construídos à sua época, constituindo-se num belo exemplar da tendência eclética existente em Juiz de Fora.

**EDIFICAÇÃO: Rua Gilberto de Alencar, 848**  
**esquina com Marechal Deodoro**

O prédio foi construído no início deste século, em 1906, inicialmente, com platibanda e ornamentação tipicamente ecléticas. As mudanças sócio-econômicas e principalmente de hábitos e gosto, resultaram em algumas

transformações inovadoras, limitadas à sua ornamentação, introduzindo características neocoloniais à sua fachada.

A edificação tem implantação em "u", possuindo em três blocos ligados por um pátio central. Por situar-se em lote de esquina, a implantação do bloco principal é feita com duas fachadas voltadas para as ruas e uma para o pátio. Este bloco possui, atualmente, uso comercial abrigando um restaurante.

O bloco principal possui um porão bastante alto, devido ao desnível existente na rua, que apresenta razoável declive. A fachada compõe-se de sete vãos com vergas retilíneas, onde se alternam ‘janela de peitoril’ e ‘janela rasgada por inteiro’, sendo esta seqüência rítmica quebrada pela janela central em peitoril.

As janelas rasgadas possuem bandeiras e são arrematadas por um balcão ressaltado em alvenaria vazada, com aplicação de cobogós apoiados sobre duas grandes mísulas bem ornamentadas. Já as janelas de peitoril são arrematadas por pequenas jardineiras em balanço apoiadas em consoles de alvenaria com formas de quadrados.

A fachada frontal do bloco principal, voltada para rua Gilberto de Alencar, é constituída por quatro vãos: dois centrais com janela rasgadas e, em cada extremidade, uma janela de peitoril arrematada por jardineira semelhante as da fachada já descrita. As duas janelas rasgadas possuem bandeiras e são arrematadas por um único balcão em cobogós, apoiado sobre três grandes mísulas bem ornamentadas. Este balcão é maior que os da outra lateral, pois engloba dois vãos.

Na parte inferior da fachada, no alinhamento dos vãos superiores, sobressaem ‘óculos’ relativos ao alto porão, que recebem gradil de ferro, sendo vedados por madeira e vidro. Eles têm como finalidade ventilar e iluminar este porão.

Este bloco possui beiral acimalhado interrompido por frontão em volutas no alinhamento dos balcões, medalhão central em argamassa e azulejo, ladeado por pináculos. Os

azulejos aparecem também numa faixa abaixo do beiral com ornatos pendentes.<sup>113</sup>

O bloco que se situa no extremo esquerdo do lote, (rua Gilberto Alencar), com funções nitidamente secundárias, possui um vão maior na parte inferior e uma janela na parte superior arrematada por uma jardineira.

Verifica-se neste bloco, a mesma linguagem da edificação principal : azulejos, textura da parede, beiral acimalhado e friso divisório do primeiro para do segundo pavimento. Estes caracteres aparecem também, nas fachadas voltadas para pátio interno e nos blocos posteriores.

O muro, em telhas, da fachada voltada para rua Marechal Deodoro, apresenta apenas uma porta, que atualmente dá acesso à garagem.

O muro frontal, da parte voltada à rua Gilberto Alencar, também coberto por telhas, é bem desenhado com volutas, elementos vazados e friso divisório, acompanhando a edificação principal. O acesso principal é arrematado com

---

<sup>113</sup> É comum o uso de azulejos e outros tipos de ornamento nas fachadas com a finalidade de, através de elementos estéticos, demonstrar o alto poder aquisitivo do

gradil de ferro trabalhado na parte superior, que juntamente com a vegetação acoberta um belo pátio interior coberto por um pergolado de madeira.

A casa está em ótimo estado de conservação, tendo recebido reforma posterior que, através do uso de cor e efeitos de iluminação, acentuou suas características neocoloniais. É um bom exemplo de unir uma arquitetura antiga a uma nova função. Somente o letreiro em cima do muro com o escrito "FUTURE KIDS" , de cor vermelha e iluminado em neon, afeta as características originais.

#### FONTES

##### 1. ARQUIVOS

1.1. ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA -

##### Fundo Câmara no Império:

Séries 40, 136, 142 e 164.

##### Fundo Primeira República:

**Documentos da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras** - Séries 09 a 13/5.

**Código das Construções: contendo as posturas, leis e decretos municipais da Diretoria de Obras Públicas.** 1936, Capítulo 1 - Das Construções, Artigo 59, Decreto 171/76.

---

primeiro proprietário.

## 1.2. ARQUIVO DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

- Livros de Atas de apuração de eleições e de assinatura de eleitores 112/026, 131/036, 133/038.

- Coleção de Fotos: ruas Halfeld e Marechal Deodoro (final do século XIX).

## 1.3. PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO (DICOM)

Processos número 9549/49; 32260/67 e 971

## 1.4. ARQUIVO PESSOAL OSWALDO RIBEIRO DE CASTRO

- Apólice de Seguro de Vida de Oswaldo Ribeiro de Castro, pela Sul América - Companhia Nacional de Seguros de Vida. 1960. (Contém informações sobre o Edifício Sulacap.

## 2. FONTES ORAIS

- Entrevista concedida, em 27/04/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira pela senhora Mounira Haddad Rahmn - Proprietária da Casa Chic, loja fundada em 1928. Chegou ao Brasil em 20/02/1954.

- Entrevista concedida, em 28/04/1998, à Daniella Freitas pelo senhor Moysés Arbex - Proprietário da Casa Vitória. Foi um dos primeiros imigrantes sírios a chegar ao Brasil.

- Entrevista concedida, em 16/05/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, pelo Doutor Alberto Arbex, advogado e comerciante. Proprietário do Bazar São João.

- Entrevista concedida, em 16/05/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira pela senhora Nual Krayem Arbex - esposa do Dr. Alberto Arbex. Chegou ao Brasil em 1968.

- Entrevista concedida, em 16/05/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira por dona Nabia Farage Miana. Ex-Lojista (Glamour).

- Entrevista concedida, em 16/05/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira por dona Amélia Sfeirr Feres. Família fundadora da Malharia Master.

- Entrevista concedida, em 16/05/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira por dona Cléa Feres Nacif. Família fundadora da Malharia Master.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 16/05/1998, pela senhora Ináh Mello de Carvalho. Proprietária da casa onde funciona o Restaurante Astória.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 18/05/1998, pelo senhor Mário César Manzolilo de Moraes. Jornalista da antiga Rádio Sociedade.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 18/05/1998, pelo senhor Fúlvio Marcos De Landa Júnior. Joalheiro - Joalheria Delanda.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 20/05/1998, pelo senhor Natalle Chianello (Natálio Luz). Italiano, nascido em Paola, em 03/06/1931. Advogado e jornalista.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 23/05/98, pelos senhores Nildo Tavares, Sebastião Garibaldi Pifano e Luarino Cortes Carvalho. Proprietários da cantina *A Comerciária*.

- Entrevista concedida à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 23/05/98, pela senhora Maria Teresa Merhi Abi-Nasser. Proprietária da loja Fios e Máquinas.

## 3. FONTES BIBLIOGRÁFICAS

(Consultadas para o capítulo “Aspectos Arquitetônicos”)

ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva. **Petrópolis: arquitetura contextual**. Trabalho apresentado no II Congresso de História da Arte. s/d. mimeo.

CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos A.C. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART - São Paulo Livraria Editora Ltda., 1972.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1993.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Martins Fontes, 1980.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral. **Corredor cultural**. Rio de Janeiro, 1979.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RODRIGUES, Ferdinando de Moura. **Desenho urbano: cabeça, campo e prancheta**. São Paulo: Projeto, 1986.

RODRIGUES, José Wash. Documentário arquitetônico. 5. ed., Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1990.

ROSSI, Aldo. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTOS, Paulo F. **Quatro séculos de arquitetura**. Barra do Piraí: Fundação Educacional Rosemar Pimentel, 1977.

#### ANEXOS - QUADRO 01

##### ATIVIDADE COMERCIAL DAS RUAS HALFELD E MARECHAL DEODORO - 1891

PROFISSÕES	HALFELD	MARECHAL
Açougue	X	X
Advogado	X	
Agência (intermediária, lotérica e de publicação)	X (03) <sup>114</sup>	
Alfaiates	X (07)	
Armadores		X
Barbeiros	X (04)	
Bilhares	X (02)	
Botequins	X	

<sup>114</sup> Os números que aparecem entre parênteses representam a ocorrência de tal atividade.

Cafés	X (03)	
Carros (oficina de)		X (02)
Charutaria	X (05)	
Clube	X	X
Confeitaria	X	
Decoradores	X	
Destilaria		X
Empresa funerária		X
Farmácias	X (02)	
Fazendas, armário, etc	X (04)	X (02)
Ferradores	X	
Ferragens	X	
Fruteiros	X (04)	
Funileiros	X (03)	
Hotéis	X (02)	X (01)
Kiosques		X (02)
Leiloeiro	X	
Marceneiros	X	X
Marmorista		X
Massas (fábrica de)	X	
Modista	X	
Molhados	X (13)	X (07)
Móveis (depósito)	X (03)	
Padarias	X (04)	
Papéis pintados	X	
Relojoeiros	X (04)	X
Sapateiros	X (08)	X
Serralheiros	X (02)	
Tipografia	X	
Vice-consulado	X	

FONTE: **Almanaque de Profissões - 1891**. Editores Leite Ribeiro e Comp., 1891.

Charutaria	X (04)	X
Confeitaria	X	
Couros, etc	X (05)	
Dentistas	X (04)	X
Fazendas, armarinho, etc	X (02)	X
Folheiros		X (03)
Fruteiros	X (02)	
Hotéis		X
Leiteria	X (02)	
Marceneiros		X
Marmorista	X	
Modista	X	
Molhados	X (02)	X (03)
Móveis (depósito)		X
Padarias	X (02)	
Papéis pintados	X	
Papelaria	X	
Relojoeiros	X	
Sapateiros	X	

FONTE: ESTEVES, Albino. **Almanaque de Juiz de Fora - 1916**. Typographia Commercial. Juiz de Fora, 1916.

#### QUADRO 02

##### ATIVIDADE COMERCIAL DAS RUAS HALFELD E MARECHAL DEODORO - 1916

PROFISSÕES	HALFELD	MARECHAL
Açougue	X (02) <sup>115</sup>	X (02)
Advogado	X (02)	X
Agência (intermediária, lotérica e de publicação)	X (06)	X
Alfaiates	X (11)	X (02)
Barbeiros	X (09)	X (02)
Bilhares	X (03)	
Botequins	X (02)	X (05)
Cafés	X	

<sup>115</sup>Os números que aparecem entre parênteses representam a ocorrência de tal atividade.

#### QUADRO 03

##### ATIVIDADE PROFISSIONAL NAS RUAS HALFELD E MARECHAL - 1935

PROFISSÕES	HALFELD	MARECHAL
Açúcar	X (02) <sup>116</sup>	
Agência (intermediária, lotérica e de publicação)	X (06)	X
Armas e munições	X (02)	
Artigos para homens	X (03)	
Artigos religiosos	X	
Automóveis (pontos de )	X	
Automóveis e acessórios	X	X
Bancos	X (05)	

<sup>116</sup>Os números que aparecem entre parênteses representam a ocorrência de tal atividade.

Barbeiros	X (02)	X
Bazares	X	
Bebidas	X (04)	X
Bilhares	X (03)	
Bombons e balas	X (03)	X
Cafés	X (07)	
Carros (oficina de)	X	X
Casemiras	X	
Cerâmicas	X	
Cereais	X (05)	X
Charutaria	X	X
Cimento	X (02)	
Cinematografia		X
Cinematógrafos	X	
Clube	X (03)	
Confeitaria	X (03)	
Couros, etc	X	
Dentistas	X (02)	
Fábrica de sacos de aniagem		X
Farmácias	X (07)	X
Fazendas, armarinho, etc	X (06)	X (02)
Ferragens	X (02)	
Fotografias	X	
Fruteiros	X	
Hotéis	X (03)	X
Leiteria	X	
Louças e cristais	X (04)	
Malas e artigos para viagem	X (02)	
Máquinas de costura	X	X (02)
Marceneiros	X (02)	
Marmorista	X	
Materiais para construção	X (02)	
Molhados	X (06)	X (04)
Papelaria	X (02)	
Rádios e artigos de eletricidade	X (05)	
Relojoeiros	X (02)	

Restaurante	X (03)	
Sal	X (02)	
Sapateiros	X	X (02)
Sedas	X (03)	X
Seguros	X	
Sementes	X (02)	
Tapeçaria	X	
Tinturaria		X (02)
Tipografia	X	
Vinhos	X (02)	
Engenheiros	X	
Escola	X	
Artigos para presentes	X (06)	X (03)
Gasolina	X (03)	
Jornais e revistas	X (05)	X
Laboratório	X	
Lavanderia	X	

FONTE : **Catálogo Telefônico - N. 21.** Janeiro de 1935. Juiz de Fora.

**QUADRO 04**  
**ATIVIDADE PROFISSIONAL NAS RUAS HALFELD E MARECHAL NOS ANOS: 1891, 1916 E 1935**

PROFISSÕES	H - 1891	M - 1891	H - 1916	M - 1916	H - 1935	M - 1935
Açougue	X	X	X (02)	X (02)		
Açúcar					X (02)	
Advogado	X		X (02)	X		
Agência (intermediária, lotérica e de publicação)	X (03) <sup>117</sup>		X (06)	X	X (06)	X
Alfaiates	X (07)		X (11)	X (02)		
Armadores		X				
Armas e munições					X (02)	
Artigos para homens					X (03)	
Artigos religiosos					X	
Automóveis (pontos de )					X	
Automóveis e acessórios					X	X
Bancos					X (05)	
Barbeiros	X (04)		X (09)	X (02)	X (02)	X
Bazares					X	
Bebidas					X (04)	X
Bilhares	X (02)		X (03)		X (03)	
Bombons e balas					X (03)	X
Botequins	X		X (02)	X (05)		
Cafés	X (03)		X		X (07)	
Carros (oficina de)		X (02)			X	X
Casemiras					X	
Cerâmicas					X	
Cereais					X (05)	X
Charutaria	X (05)		X (04)	X	X	X
Cimento					X (02)	
Cinematografia						X
Cinematógrafos					X	
Clube	X	X			X (03)	
Confeitaria	X		X		X (03)	
Couros, etc			X (05)		X	
Decoradores	X					
Dentistas			X (04)	X	X (02)	
Destilaria		X				
Empresa funerária		X				

<sup>117</sup> Os números que aparecem entre parênteses representam a ocorrência de tal atividade.



Fábrica de sacos de aniagem						X
Farmácias	X (02)				X (07)	X
Fazendas, armarinho, etc	X (04)	X (02)	X (02)	X	X (06)	X (02)
Ferradores	X					
Ferragens	X				X (02)	
Folheiros				X (03)		
Fotografias					X	
Fruteiros	X (04)		X (02)		X	
Funileiros	X (03)					
Hotéis	X (02)	X (01)		X	X (03)	X
Kiosques		X (02)				
Leiloeiro	X					
Leiteria			X (02)		X	
Louças e cristais					X (04)	
Malas e artigos para viagem					X (02)	
Máquinas de costura					X	X (02)
Marceneiros	X	X		X	X (02)	
Marmorista		X	X		X	
Massas (fábrica de)	X					
Materiais para construção					X (02)	
Modista	X		X			
Molhados	X (13)	X (07)	X (02)	X (03)	X (06)	X (04)
Móveis (depósito)	X (03)			X		
Padarias	X (04)		X (02)			
Papéis pintados	X		X			
Papelaria			X		X (02)	
Rádios e artigos de eletricidade					X (05)	
Relojoeiros	X (04)	X	X		X (02)	
Restaurante					X (03)	
Sal					X (02)	
Sapateiros	X (08)	X	X		X	X (02)
Sedas					X (03)	X
Seguros					X	
Sementes					X (02)	
Serralheiros	X (02)					
Tapeçaria					X	
Tinturaria						X (02)
Tipografia	X				X	
Vice-consulado	X					
Vinhos					X (02)	
Engenheiros					X	

Escola					X	
Artigos para presentes					X (06)	X (03)
Gasolina					X (03)	
Jornais e revistas					X (05)	X
Laboratório					X	
Lavanderia					X	

FONTE: **Almanaque de Profissões - 1891.** Editores Leite Ribeiro e Comp., 1891.  
**ESTEVES, Albino. Almanaque de Juiz de Fora - 1916.** Typographia Commercial. Juiz de Fora, 1916.  
**Catálogo Telefônico - N. 21.** Janeiro de 1935. Juiz de Fora.  
Os números que aparecem entre-parênteses representam a ocorrência de tal atividade.

A obra  
*Núcleo Histórico e Arquitetônico das  
ruas Halfeld e Marechal Deodoro - Parte Alta /  
Nota Prévia de Pesquisa* da autoria de  
Patrícia Falco Genovez, Maria Julieta Nunes de Souza, Mônica C. Henriques  
Leite, Raquel de Oliveira Fraga, Paulo Gawryszewski,  
publicada pela **CLIOEDEL** - Clio Edições Eletrônicas -  
foi editada e formatada com a seguinte configuração de página:  
tamanho do papel: A4,  
orientação: paisagem,  
margens superior e inferior:  
3,17 cm,  
margens esquerda e direita:  
2,54 cm  
mediantriz: 0 cm,  
distancias do cabeçalho  
e rodapé em relação à  
borda do papel: 1,25 cm.  
O texto foi digitado em  
Word 6.0 para Windows,  
com fonte Times New Roman 14,  
espaço 1,5 e recuo de parágrafo de 1,27 cm.  
As notas de rodapé, com mesma fonte, mas tamanho 12.  
E as transcrições de mais de 3 linhas  
em itálico e com recuo de 2 cm à  
esquerda e 0,5 cm à direita.

Os direitos autorais desta obra são propriedade dos autores. A obra pode ser obtida gratuitamente através da BIBLIOTECA VIRTUAL DE HISTÓRIA DO BRASIL <<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>> e reproduzida eletronicamente ou impressa desde que para uso pessoal e sem finalidades comerciais e não sofra alterações em seu conteúdo e estrutura eletrônica.